UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ - UNIFESSPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - FACED
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

RUTH DE SOUZA SANTANA

LER, SENTIR E FAZER NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

MARABÁ- PA

2020

RUTH DE SOUZA SANTANA

LER, SENTIR E FAZER NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Educação do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Terezinha Pereira Cavalcante

MARABÁ – PA

2020

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Josineide da Silva Tavares

Santana, Ruth de Souza
Ler, sentir e fazer na valorização da identidade negra / Ruth de Souza Santana ; orientadora, Terezinha Pereira Cavalcante. Marabá : [s. n.], - 2020.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, 2020.

1. Cultura afro-brasileira - Marabá (PA). 2. Educação. 3. Literatura - Estudo e ensino. I. Cavalcante, Terezinha Pereira, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 305.896081

Elaborada por Hully Thacyana da Costa Coelho – CRB-2/1593

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos vinte e dois dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte, às dezoito horas, na sala virtual do google meet, por meio do link https://meet.google.com/viq-afbf-wpm, realizou-se a defesa de TCC do (a) discente RUTH DE SOUZA SANTANA, matrícula 201540207045, intitulado "LER, SENTIR E FAZER NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA", para obtenção de conceito na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso. Depois de declarada aberta a sessão, o (a) senhor (a) presidente deu a palavra ao (à) aluno (a) e em seguida aos examinadores para as devidas arguições, que se desenvolveram nos termos regimentais. Em seguida, a comissão examinadora, em sessão secreta, passou aos trabalhos de julgamento, decidindo atribuir ao trabalho o conceito EXCELENTE. À vista deste resultado, foi considerado (a) APROVADA na disciplina de TCC.

Observações da Banca Examinadora:

Revisão ortográfica, normas de citações, incluir os termos assinados de Consentimento de participação da pesquisa e de uso das imagens, revisão dos objetivos, melhor definição do tipo de pesquisa. A versão final deverá ser entregue a FACED no dia 03 de fevereiro de 2021.

Para constar, foi lavrada a presente ata que segue assinada pelos (as) senhores (as) membros da comissão examinadora.

Marabá (PA), 22 de dezembro de 2020.

Terezinha Pereira Cavalcante

Profa. Dra. Terezinha Pereira Cavalcante (Orientadora);

Janailson Macêdo Luiz

Prof. Me. Janailson Macedo Luiz (Membro);

Vanja Elizabeth Sousa Costa

Profa. Ma. Vanja Elizabeth Sousa Costa (Membro).

RUTH DE SOUZA SANTANA

LER, SENTIR E FAZER NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Educação do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Terezinha Pereira Cavalcante

Data de aprovação: 22/12/2020

Banca Examinadora:

Profª. Dr. Terezinha Cavalcante Pereira (Orientadora)

UNIFESSPA

Prof. Dr. Janailson Macedo Luiz

UNIFESSPA

Profª. Me. Vanja Elizabeth Sousa Costa Oliveira

UNIFESSPA

Dedico esta pesquisa à todas as mulheres negras que resistem na construção diária de uma sociedade antirracista. A nós que somos resistência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família que esteve comigo em todos os momentos, minha mãe que me apoiou em tudo e nessa longa jornada aprendeu junto comigo a lidar com as pessoas e enxergar a sociedade com outros olhos, obrigada pela comida que estava quentinha quando eu chegava às 23 horas da noite da faculdade e obrigada por tantas vezes ter cansado suas pernas para me deixar e buscar na escola em segurança. Amo você!

À minha irmã Silvana que me incentivou a ingressar na faculdade, e que mesmo não compreendendo inicialmente meus motivos de sair da universidade particular para a pública, me ajudou em tudo, talvez bem mais do que deveria ou do que teoricamente caberia a uma irmã, obrigada pelos bens materiais, mas sobretudo obrigada pela compreensão e pelo laço familiar que busca sempre manter vivo entre nossa família, obrigada pelo amor, cuidado e pela coragem em entender minha vida militante.

Á minha irmã Ester, que enfrentou seus próprios dilemas de construção de identidade, mas que não se apartou de nós, obrigada por sua presença, por seu apoio e pela vida que destes aos meus sobrinhos queridos Kauã e Sophia, que sempre serão amados por nós e agradeço pela oportunidade destes despertarem a minha afetividade e cuidado.

Á meu pai Jilson/Baiano, que nunca deixou de trabalhar e que buscou sempre garantir o alimento em nossa casa, sou grata por todas as vezes que buscou ajudar na minha formação acadêmica.

Ao meu cunhado Flávio que muito ajudou na minha identidade profissional, me inserindo no mercado de trabalho. Agradeço o cuidado para conosco e pela relação que construiu com minha irmã Silvana que permitiu o lindo presente Heitor, ele é certamente uma luz. Obrigada pelo apoio, pelos churrascos, passeios, obrigada pelo carinho.

As minhas amigas da pedagogia 2015 que me proporcionaram tantos momentos de alegria e de aprendizado: Andreza, Fabiana, Leticia e Kamilla e que me permitiram ser eu mesma, com meus processos de desconstrução e construção,

passamos por muitas coisas juntas, seja os estágios ou os trabalhos em grupo e desejo sucesso para cada. Estarei sempre aqui para o que precisarem.

Aos meus amigos, colegas e profissionais da UNIFESSPA que conheci durante esses 5 anos e que através deles pude conhecer de uma maneira mais profunda os dilemas de uma universidade, em especial agradeço ao Maurilio Monteiro e Lidiane Rodrigues.

Agradeço aos meus companheiros de movimento estudantil, os quais travaram comigo duras e ardilosas batalhas para a conquista de nossos direitos e que dividiram comigo três eleições de CONUNE, três eleições de DCE e uma linda ocupação: Helyton, Vinicius, Tayllon, Ana Crys, Igo Silva, Lucas, Dani Rocha, Vitor Marinho, Igor Vinicius e Cristiele.

Agradeço as minhas amigas e companheiras que estiveram ao meu lado em momentos muito difíceis, estenderam a mão e abdicaram de seu tempo para a construção de um projeto popular para o Brasil, a força de vocês me anima e me mantém viva, obrigada Sergianne Tavares, Valbiane Gama, Amanda Figueiredo, e Adrya do Rosário, obrigada pela partilha.

Aos meus companheiros e companheiras do Levante Popular da Juventude que contribuíram muito para a minha formação enquanto sujeito, que me fez enxergar o mundo com outros olhos, que me despertou para a transformação, saibam que nós somos potência. Nós somos milhões e por isso deixo o meu agradecimento a todos e todas que fazem parte do Levante Popular da juventude e que de alguma forma construíram laços comigo.

Aos camaradas de formação politica, com os quais tive a oportunidade única de construir o Curso de realidade Brasileira da região sudeste do Pará no ano de 2019 e que em unidade formamos mais de 50 pessoas a partir de nossas experiências políticas, gratidão a todos que participaram do curso e em especial a equipe de coordenação politico pedagógica: Evaldo, Pablo, Heydiane, Ginno, Célia, Margarida, Thaiane, Ana Emília, Vanda e Cristiano.

Agradeço aos meus parceiros de N’umbuntu, com os quais eu partilhei momentos de aprendizagem e de muita brincadeira naquele espaço pequenino, mas que cabia inúmeros sonhos, obrigada pela inspiração e pela coragem que me

deram: Eliza, Marcos, Eduardo, Ádila e Juliana. Aos professores que fizeram parte do N'umbuntu nos anos 2015 a 2018 e que trocaram inúmeras experiências: Diego, Rafael, Socorro e principalmente as professoras que me deram abertura para efetivação dessa pesquisa e mais me ensinaram, Edileuza e Raimunda. Gratidão!

Agradeço aos meus professores da FACED, FAHIS, FACSAT e FECAMPO que me ajudaram a chegar até aqui: Leticia, Silvana, Davi, Ana Cledina, Cleide, Davison, Walber, Lucélia, Hildete, Zé Pedro, Marizete, Vanja, Túlio, Geovane, Karla, Cloves, Maria Celia. Sobretudo á meu mestre e maior inspiração: Janailson Macedo Luiz, que me deu amizade, compreensão e muitos ensinamentos. Obrigada pelos livros e pelo incentivo.

A minha professora orientadora, Terezinha Cavalcante que a cada semestre em que eu me escrevia e sumia vinha sem julgamentos para me ouvir e entender meu lado, obrigada pelo respeito a minha escrita e minha história, obrigada pelo apoio.

As minhas colegas de trabalho que construí fortes vínculos de carinho e agradeço sempre pela oportunidade em conhecê-las, pelas fugas e lanches. Obrigada pelos diálogos criativos e pela esperança que me deram: Luana Barros, Priscila Reis e Ana Carla.

Aos amores que passaram por minha vida, alguns foram como vento outros como tempestade, mas aos que deixaram carinho, respeito e reciprocidade, obrigada!

A minha amiga de sushi e de vida que quero que sua permanência se persista em minha vida e que seu olhar humano prevaleça sobre as pessoas: Fernanda Soares.

Agradeço as amigas Jheyciele Naira e Carla que nos últimos meses de escrita do TCC, estiveram ao meu lado, me dando bem mais que apoio, me dando a mão, ombros e deliciosas histórias que me inspiraram e me incentivaram para a conclusão dessa etapa. A vocês minha eterna gratidão.

Agradeço a todos os movimentos e organizações sociais que tiveram participação nos últimos anos na construção de uma sociedade mais justa e

igualitária e que de forma direta ou indireta influenciaram na minha vida: *MST, MAB, MAM, MTD, PJ, Carolinas Leitoras, Madalenas Tuíra, Brigadas Populares, Lula Livre e Instituto Marielle Franco.*

Por fim agradeço a Deus, por permitir que em vida eu tenha encontrado pessoas maravilhosas. À Tí senhor toda honra e glória.

[...] é através da educação que a herança social de um povo é legada às gerações futuras e inscrita na história.

(kabengele Munanga, 2009, p. 35)

LER, SENTIR E FAZER NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

Ruth de Souza Santana

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

RESUMO: A marginalização, exploração de africanos gerou uma sociedade carregada de estereótipos que inferiorizam os povos africanos e afrobrasileiros negam a cultura, a religião e a estética, desvalorizam os povos afrobrasileiros. Dessa forma busca-se analisar o uso da poesia negra como ferramenta para a valorização da identidade negra. Nesse sentido, faz-se uma abordagem qualitativa, por meio da observação direta, registro e intervenção através de oficinas de poesia e auto- estima. Os participantes foram crianças e professores do ensino fundamental do 7º ano da escola O pequeno Príncipe no município de marabá/PA. A partir das oficinas de poesia as crianças iniciaram o processo de aproximação com suas identidades, ao passo que tiveram a identidade negra valorizada. A partir das análises e reflexões, notou-se a elevação da autoestima posto que as crianças se viram como protagonistas da sua história, e dessa forma assumir sua identidade negra. Desse modo, presume-se que a literatura afro-brasileira é uma ferramenta importante para a valorização da identidade negra e dentro da escola se configura como aliada para a efetivação da lei 10.639/03.

PALAVRAS CHAVES: Literatura Afro-brasileira, identidade, lei 10.639, auto-estima, poesia

ABSTRACT: Marginalization, exploitation of Africans has generated a society laden with stereotypes that make African and Afro-Brazilian peoples inferior, deny culture, religion and aesthetics, devalue Afro-Brazilian peoples. In this way, we seek to analyze the use of black poetry as a strategy for the valorization of black identity. For this purpose, qualitative research was used, the research included observation, recording and intervention through workshops on poetry and self-esteem, the participants were elementary school children and teachers of the 7th year of the school The little prince. From the poetry workshop, the children began the process of getting closer to their identities, while their black identity was valued based on poetry, the increase in self-esteem occurred when the children became protagonists of their history, and in this way assume your identity. Afro-Brazilian literature is an important tool for the valorization of black identity and within the school it is configured as an ally for the enforcement of law 10.639 / 03.
KEYWORDS: Afro-Brazilian literature, identity, law 10.639, self-esteem, poetry

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 15

1 INTRODUÇÃO 20

2 SESSÃO I - A (RE) EXISTÊNCIA DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA 23

2.1 Conceituando a literatura afro-brasileira 23
2. 2 sujeitos e subjetividades na literatura afro-brasileiro 26
2.3 Contribuições da literatura afro-brasileira para a educação brasileira 31

3 SESSÃO II – SOU PORQUE NÓS SOMOS 36

3.1 Identidade e suas faces 36
3.2 Negritude uma identidade em construção 43
3.3 Quem sou eu: raízes e descobertas da negritude 49

4 SESSÃO III - SEMENTES NEGRAS: MULTIPLICANDO SUBJETIVIDADES PARA ESPERANÇAR 57

4.1 A cabeça pensa onde os pés pisam 57
4.2 Sementes Negras (Sujeitos e Metodologias) 64
4.3 As Descobertas de Ler Sentir e Fazer 73

5 NOTAS DE ESPERANÇA 78

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS 80

APRESENTAÇÃO

Um poema muito emblemático escrito por mim em 2016, traduz a afirmação importante para a minha trajetória e logo para a trajetória de outras e outros. Ele traduz em poucas linhas o que foi o meu processo de descoberta enquanto mulher negra, onde foi necessário mergulhar no passado, para então me construir e projetar num futuro e descobrir a existência do racismo que se estrutura na nossa sociedade. Ele foi usado na formação de professores realizada em 2018 no PP por mim, com o objetivo de dar ponta pé inicial na construção dos planos de aulas do semestre letivo com um olhar mais direcionado para as questões raciais.

IDENTIDADE

Já fui sangue, já fui carne.
Era a negrinha que trancada
na senzala, levava chibata.
Era a mulata que toda noite o
sinhozinho violentava

Mas hoje sou grito
Sou grito de resistência
Sou águas que transparente
busca existência
Sou riso que dispensa amores
Sou calor em frio
Sou mãos que produz, colhe,
recolhe e acolhe toda e
tamanha imensidão
Hoje sou cor
Sou cor que escurece a razão
Sou pele que arde em fogo
Fogo, chama, chama fogo da
revolução
Sou fortaleza em cachos
crespos, cachos
encaracolados, ondulados
que meus, me fazem rama,
rama de indignação.

Hoje sou luta sendo preta
Sou punho que eleva
bandeiras
Sou manifesto nas ruas
E poesia descrita nos muros
Sou preta
Sou negra

Sou mulher

(Ruth Santana, 2016)

É complicado se colocar como parte da pesquisa, é doloroso ter que escrever sobre uma história que arrancou algumas lágrimas, mas é importante para nós negros, fazer esse exercício de se tornar sujeitos que dão voz para suas ideias e dilemas, penso que a minha trajetória de formação e construção influenciou nos resultados e olhares para este trabalho, principalmente no que tange o processo de descoberta enquanto mulher negra na sociedade Brasileira, Paraense e Marabaense. Tenho 24 anos de idade, e os momentos mais simbólicos para a minha vida foram resultado de uma série de transformações que ocorreram com a necessidade do caminhar.

Sou a filha mais nova tendo pais nordestinos, que migraram para o Pará em busca de dias melhores, meus pais são analfabetos e não obtiveram nenhuma oportunidade para estudar, minha mãe foi empregada doméstica durante muitos anos, assim como lavadeira de roupas e meu pai mecânico de caminhões até hoje. Durante minha iniciação na vida escolar eu não conseguia entender o peso que estudar tinha para a minha família, e assim segui até o ensino fundamental sem compreender muito bem a importância de estar naquele espaço em que percebia muito bem as negações pelo qual eu e minhas irmãs passávamos: cadernos mais baratos, brochurões, canetas e lápis reaproveitados que tinham que durar o ano todo, e roupas que tinham que passar de geração a geração. O ensino fundamental já se mostrava cruel para uma menina negra, difícil perceber ou entender que aquilo se tratava de diferença racial, mas já doía não ter amigos ou ser trocada toda vez por uma criança branca, que no discurso dos professores era melhor para aquela apresentação ou leitura em público. Eu era dedicada, esforçada e inteligente, buscava sempre ajudar os poucos colegas, mas era extremamente tímida, dificilmente eu dava a minha opinião, não gostava de contrariar, talvez porque sabia no fundo que se eu falasse alguma coisa, o julgamento seria arduamente cruel.

Mudei de escola, e a essa altura já estava no segundo segmento do ensino fundamental, onde as negações continuavam, mas a forma como o racismo se apresentava era diferente, eu também não o enxergava, mas me achava feia e incapaz de fazer um menino olhar para mim, e de maneira mais evidente os apelidos racistas, passaram a existir e permear minha trajetória estudantil, assim como a

rejeição de certos grupos com maior poder de aquisitivo, todas as escolas que estudei foram públicas, mas sempre existiu a presença de crianças com maior poder aquisitivo. Meu cabelo que era natural e muito volumoso passou a ser escovado e pranchado para diminuir o volume e atender ao que era permitido usar, na escola nunca se falou em racismo, nunca me vi como negra ou entendi que aquilo me coloraria em determinada posição na sociedade, mas eu sentia a dureza dos apelidos de cabelo de Bombril, nega feia, ou bruxa, e até mesmo Rochelle (personagem da série americana de personagens negros – Todo Mundo Odeia O Chris). E isso me deixava muito incomodada ser comparada a Rochelle, isso introduz outras reflexões sobre o racismo, como por exemplo: a negação de fazer parte da negritude ou a associação do temperamento da Rochelle. Com o racismo engendrado na construção de estereótipos negativos, as mulheres negras que seriam violentas, ignorantes ou arrogantes, assim como, o fato de me sentir feia era mais uma face do racismo que alimenta a destruição da autoestima.

Quando cheguei ao ensino médio percebi de maneira maléfica os padrões de beleza, alisei o cabelo com química e passei a usar franjinha, busquei o padrão de corpo de magro, mas não me encaixava. Nesse período as relações amorosas começaram a surgir, mas para mim nada surgia. Eu não era o padrão desejado, e me voltava unicamente a me destacar na sala de aula, e mesmo que me destacasse parecia que não chegava a mim credito nenhum. Sofria o silenciamento das amizades, onde em sua maioria era branca e me levava a seguir e obedecer a um padrão de comportamento, eu não tinha identidade, eu não existia para as pessoas, e até o meu segundo ano, nenhuma discussão sobre o racismo era colocada em pauta. Foi no segundo ano do ensino médio que uma professora de história falou sobre o período de colonização do Brasil e logo da escravidão e suas consequências, e ali passei a questionar minha existência, não tinha acesso à leitura nenhuma, nem celular tinha, internet, então, menos... A discussão sobre o racismo, embora muito superficial, despertou em mim questionamentos sobre o meu lugar no mundo e a percepção do racismo no meu dia a dia. Pouco tempo depois conheci o movimento social Levante Popular da Juventude que no ano de 2013 ofertou um cursinho gratuito para alunos da rede pública. Minha relação com o movimento começou ali e foi se desenvolvendo de maneira quase que natural, como de alguém que necessitava daquele espaço para ouvir e ser ouvida, a metodologia e

organicidade do movimento mostrou a mim uma nova forma de enxergar o mundo e as pessoas e logo de me enxergar.

Foi através do movimento social que eu passei a me perceber na sociedade, assim como passei a ter acesso aos debates sobre racismo, esses debates me ajudaram a buscar a minha identidade, mas ainda tinha meus dilemas de cabelo e de ser atribuída a carga da negritude, nesse período ingressei na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará -UNIFESSPA- no curso de pedagogia, e sabendo da minha condição financeira busquei alguma bolsa que me desse um suporte, acebei conseguindo entrar para o N'UMBUNTU – Núcleo de ensino, pesquisa e extensão em relações étnico-raciais, movimentos sociais e educação - como bolsista de extensão e foi no N'UMBUNTU em que as descobertas se afloraram. Foi a partir do meu contato com o núcleo que pude enxergar as marcas do racismo na minha vida e na sociedade. Foi onde encontrei grandes referências de professores negros: o professor Ivan Costa Lima e o professor Janailson Macêdo Luiz ambos cuidavam e coordenavam o núcleo, enxergar e vivenciar outras possibilidades para a minha vida, contribuiu para a construção da minha identidade.

Acessar esses espaços, já era um privilégio, mas mesmo ocupando esses espaços o preconceito; o racismo não deixava de existir, e a minha identidade era o tempo todo questionada, testada, precisava provar para a sociedade minha negritude, não porque eu queria, mas a sociedade exigia isso também, essas questões abalam o subjetivo de qualquer pessoa, me trouxe vários enigmas sobre o que seria a negritude na minha vida, mas também me possibilitou estudar e refletir. Desde a terceira série do ensino fundamental lembro-me da minha paixão pela escrita, vivia escrevendo histórias, contando com toda emoção que cruzava meu coração, e ao descobrir outros gêneros literários como a poesia e a prosa, passei a escrever, poemas sobre amor e saudade, mas eram neles que eu me abria e me encontrava.

O Levante Popular Da Juventude observou habilidade em minhas palavras e passei a escrever poemas de militância, com muito entusiasmo pela construção de um projeto que tornasse a sociedade mais justa e igualitária, e o N'umbuntu, por sua vez me incentivou na escrita de poesia negra, eu não tinha nenhuma referência de poetas negros e foi o Prof. Janailson que despertou em mim esse interesse pela poesia negra, ele escritor de contos e crônicas, acompanhou duras batalhas minhas,

a organização do movimento estudantil, os avanços acadêmicos e os esforços em ampliar as discussões sobre a lei 10.639/03.

Foi através do N'umbuntu que tive acesso as professoras Raimunda e Edileuza, essas professoras que já construíam em suas salas de aula a discussão das questões étnico-raciais, passaram a construir junto com o N'umbuntu um caminho de formação e transformação do plano de aula com reflexões minuciosas sobre as formas que podíamos intervir no dia a dia das crianças negras e brancas para um ensino antirracista. Em 2016 passei acompanhar as diversas atividades desenvolvidas pela E.M.E.F O Pequeno Príncipe – PP - e construí uma relação de parceria com as professoras, esse processo de formação e construção se mostrava desafiador, pois o processo de desconstrução se dava de maneira transversal, as leituras me desconstruía para eu poder intervir nas leituras de outros professores e estes modificarem suas formas de trabalhar a lei 10.639/03.

A intervenção do N'umbuntu nas escolas, mas especificamente no PP foi extraordinária durante os anos de 2016 a 2018, pois o núcleo não participava somente da formação dos professores, mas também da formação dos alunos, onde de maneira coletiva era desenvolvido diferentes oficinas com os professores para a intervenção com o aluno.

A minha trajetória traçada aqui em poucos parágrafos, traduzem um olhar mais humano, dialético e utópico na construção da sociedade, olhar este alimentado pela mística dos movimentos sociais que lutam pela construção de uma sociedade livre do capitalismo. Mas também trago um olhar mais duro diante as diversas histórias de racismo que debati e vivenciei durante esses anos, minhas reflexões partem dos diversos lugares que ocupei na sociedade e também das descobertas que fiz nesse processo de construir coletivamente e conhecer realidades parecidas e diferentes da minha e foi nesse constante *ir e vir* que fui consolidado uma identidade.

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que o Brasil é um país de maioria negra, 54% segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estáticas. Contudo, durante muito tempo os saberes relacionados à história e cultura da população negra foram sistematicamente silenciados na construção da sociedade brasileira, silenciamento este que se manifesta no espaço escolar. Desde o final dos anos 1970, o Movimento Negro vem se lançando na luta coletiva e tentando construir meios para reparação das marcas históricas causadas pelo racismo e pelo período escravocrata no Brasil.

O antropólogo e professor brasileiro-congolês Kabengele Munanga atentando-se a questão do racismo na sociedade brasileira afirma que:

> [...] os países da diáspora negaram, mutilaram e falsificaram a história dos africanos e de seus descendentes, fazendo-os aparecer geralmente como objetos e raramente como sujeitos da ação humana no tempo. Omitiram a participação dos negros na construção das economias, culturas, identidades e transformações políticas desses países. Atribuíram a luta pela abolição da escravatura aos humanistas brancos e não aos protagonistas negros. Toda essa história de construção de vida e de resistência à dominação, que resultou nas duradouras religiões, filosofias de vida e visões do mundo africanas, apenas agora começa a ser reconhecida oficialmente no Brasil pela promulgação da lei 10.639/03. (MUNANGA, 2007, p.08)

Foram as movimentações populares que levaram a promulgação da lei 10.639/2003 – que instituiu a obrigatoriedade do ensino da cultura e História afro-brasileira e africana no currículo escolar do ensino fundamental e médio. Essa decisão resgata historicamente a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira e visa favorecer a ressignificação de identidades que há muito vem sendo marginalizadas e tratadas como subculturas, sendo vetadas da participação na sociedade.

A educação das relações étnico-raciais é um tema gerador de inúmeras reflexões, que ganha bastante destaque na área das ciências humanas após a promulgação da lei 10.639/2003. Tornou-se necessários que os sistemas de ensino, escolas e professores passassem por formações e alterações em seus currículos com o intuito de inserir no cotidiano escolar a discussão dessa temática, todavia a exploração de africanos e afro-brasileiros gerou uma sociedade carregada de estereótipos que inferioriza povos negros, negando sua cultura, religião e estética, o que dificulta na consolidação de uma educação das relações étnico-raciais.

O racismo está enraizado em nossa sociedade e é evidenciado na escola, espaço este em que a criança começa a interagir com grupos que possuem valores,

crenças e culturas diversas. Percebe-se que as crianças, principalmente as negras sofrem diversos tipos de preconceitos que se relacionam intimamente com a construção de identidade e logo de autoestima. Os padrões de beleza criados no Brasil são perversos e desvalorizam cada traço da identidade negra. Dessa forma a desconstrução de marcas históricas tem se tornado fundamental para o combate ao racismo e aplicação da lei 10.639/03. No entanto, nota-se um déficit muito grande quanto às metodologias que podem ser empregadas na escola para o fomento das questões étnico-raciais.

A Literatura Afro-brasileira por sua vez vem se mostrando como um caminho para o trabalho das questões étnico-raciais e pertinentes à lei 10.639/03 é um elemento que dá entrada para um leque de possibilidades, capaz de trabalhar as subjetividades através de perguntas que não podem ser respondidas, subjetividades que o sujeito negro carrega. Embora a literatura e a poesia não seja um campo novo no processo de desmitificação do racismo é um campo amplo que envolve conflitos entre o próprio movimento de autores negros em se definir a melhor nomenclatura, porém o seu significado de contar ao mundo as diversas escrivivências das populações negras é único. Alguns autores são responsáveis pela ampliação da literatura negra: histórias, poesias e contos escritos por autores negros com o objetivo de contar novas histórias, entre os quais se destacam: Conceição Evaristo, Cuti, Éle Semog, Esmeralda Ribeiro entre e outros.

Essa abertura na literatura para abordagem das questões raciais, de uma maneira limpa de estereótipos e mais próxima a realidade do negro brasileiro, suscita a construção de uma literatura infantil que possa através de contos, poesias e estórias adentrar no imaginário da criança e repercutir na sua afirmação enquanto pessoa. Acredita-se nesta investigação por meio do uso da poesia é possível contribuir na construção de identidade das crianças negras, fortalecendo sua autoestima e se tornando autoras da sua própria história.

Por conseguinte, o objetivo principal desta pesquisa é analisar a contribuição da poesia afro-brasileira na construção da identidade de crianças negras através do uso da oficina de poesia, Abayomi e autoestima no sentido de promover a autoestima da criança negra. Partindo disso, o presente estudo terá ainda como objetivos específicos conceituar a literatura afro-brasileira, analisar os processos de construção de identidade, compreender as formas de aplicação da lei 10.639/03,

experimentar a utilização de diferentes oficinas e avaliar o empoderamento das crianças negras através das suas poesias escritas.

Nesse sentido, ressalta-se a extrema importância dessa pesquisa, instigada a partir das movimentações que buscam incluir nos currículos do ensino superior a discussão das relações étnico-raciais. Um desses movimentos é o N'UMBUNTU – Núcleo de estudo, pesquisa e extensão em relações étnico-raciais, movimentos sociais e educação da UNIFESSPA – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, que surge a partir da crítica aos currículos do curso de pedagogia e esforços em inserir as discussões sobre o negro, com objetivo de articular ações entre a universidade, as escolas da educação básica e os movimentos negros. Desde 2012, o N'umbuntu se disponibiliza para a construção de projetos que modifiquem as estruturas enraizadas na sociedade, a imersão no núcleo desde 2015, me possibilitou a inserção em inúmeras escolas da educação básica e da rede pública, entre elas a Escola Municipal de Ensino Fundamental, O Pequeno Príncipe.

Essa articulação do N'umbuntu com a educação básica, possibilitou a construção de projetos de extensão preocupados com a efetivação das leis 10.639/03 e 11.645/08 e, com a formação de professores. O Pequeno Príncipe é uma das escolas as quais se desenvolveu projetos nos anos de 2015 a 2018. A escola possui em seu Projeto Político Pedagógico (PPP) a realização de uma Feira escolar intitulada: "Quem sou eu? Raízes, origens e descobertas". O que me inspirou a promover esta pesquisa. Sendo assim, o processo de construção desse estudo fundou-se na pesquisa qualitativa na qual responde a questões muito particulares (MINAYO, 2001).

Para tanto, se desenvolveu uma estrutura na qual o trabalho foi dividido em três partes, que serão cada uma, uma sessão desse estudo.

A primeira sessão trata dos conceitos sobre a literatura e as contribuições da literatura afro-brasileira para a educação, com objetivo de apresentar as diversas leituras sobre literatura e qual o olhar para a literatura usou-se nesta pesquisa.

A segunda sessão apresenta os conceitos sobre identidade e a sua atuação no ambiente escolar.

Por fim a terceira sessão apresenta a metodologia e as oficinas e os relatos das oficinas realizadas na escola pesquisada, em seguida são apresentados às inferências.

SESSÃO I – A (RE) EXISTÊNCIA DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

2.1 Conceituando a Literatura Afro-brasileira

A palavra literatura é ampla e descende do latim *littera* que vem a ser a *letra*. Pode definir uma profissão, um conjunto de obras e a arte. Para este estudo vamos falar da literatura enquanto arte de criar e compor textos. Todavia é fundamental compreendermos também a literatura enquanto elemento que tem poder de transformação social, pois é capaz de ser marcada e marcar um período histórico assim como as inúmeras transformações que um lugar sofre.

CUTI -Luiz Silva- autor das obras poemaryprosa, Negroesia e literatura negro-brasileira entre outras obras, é destaque na Literatura Negra, e vem deixando contribuições para essa categoria literária e para nós negritude no que tange a certeza de que estão sendo falados os anseios e dilemas sobre o ser negro no Brasil. Para CUTI a poesia é ação, ela é sobretudo oportunidade de mudança e conhecimento de si e do outro.

No Brasil a literatura negra se consolidou em meados do século XX e com influência das escolas literárias de Portugal, contendo um forte teor da fauna e flora regional e tentando construir uma identidade própria, porém por ser reflexo das relações sociais e de poder a literatura retratando o período pós-abolição – onde o país é dominado pela supremacia branca - era carregada da imagem do negro escravizado, uma imagem de não lugar (CUTI, 2010).

De acordo com o autor (op.cit)

> Até então, nesse contexto, os descendentes de escravizados são utilizados como temática literária predominantemente pelo viés do preconceito e da comiseração. A escravização havia coisificado os africanos e sua descendência. A literatura, como reflexo e reforço das relações tanto sociais quanto de poder, atuará no mesmo sentido ao caracterizar as personagens negras, negando-lhes complexidade e, portanto, humanidade. (CUTI, 2010, p. 09)

Essa desumanização do negro na construção da sociedade refletida na literatura transformou o nosso país em um lugar de silenciamento. É importante ressaltar que no período da colonização do Brasil, o qual o país vivia um regime escravocrata, que explorava os povos indígenas e os povos africanos, os negros não tinham acesso à escola, pois o racismo também predominava no campo religioso onde os jesuítas responsáveis pela educação do país na época

consideravam o negro sem alma e por isso incapaz de aprender (Santos et al., 2000, p.04). Excluídos da educação formal, foram sistematicamente perdendo espaço no processo de escrita.

Perder espaço no processo de construção da literatura de um país, nos trás para atualidade, em que prevalece nos livros didáticos e textos literários uma imagem negativa do negro reforçando as teorias raciais e introjeta estereótipos na sociedade.

> Os livros estão repletos de personagens que estereotipam e estigmatizam os negros. Para mudar esses paradigmas da literatura, basta selecionarmos livros cujo tema e personagem valorize as belezas do negro, suas qualidades e capacidades resgatando assim, a dignidade das diversas etnias africanas. (ARAÚJO E BERNARDES, 2012, p. 530).

Ainda que afastados desse processo, os negros construíram diversos mecanismos de resistência, um deles foi compreender a importância em se utilizar da escrita para contar suas próprias estórias. Aqui a literatura também se apresenta como fonte de resistência dos povos negros, que teve maior abertura a partir das publicações da serie de cadernos negros nos anos 70, onde era possível encontrar um publico negro para ler e escrever sobre as demandas e valorização dos povos negros. (Cuti, 2010, p.13)

Machado (2012) cita o autor CUTI para definir a literatura afirmando que:

> “a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação” (CUTI, 2010, p. 12). Partimos, portanto, do pressuposto de que a literatura não é mero reflexo da sociedade, mas tem com ela uma relação de caráter dialético, sendo também um elemento transformador da realidade. Tendo isso em vista, acentuamos o caráter político e militante da literatura negra, que vem sendo historicamente produzida no sentido de subverter o lugar de subalternidade que o racismo reserva à população negra em nossa sociedade. (MACHADO, 2012, p. 03).

Subverter a marginalização do povo negro é o papel da Literatura Afro-brasileira. Embora me atreva aqui a tratar sobre o assunto é importante dizer que muito se tem refletido e pesquisado sobre Literatura Negra, Literatura Afro-brasileira entre outras nomenclaturas, ainda não bem definido e consensual tal literatura diz respeito ao grupo de escritores negros que escrevem e retratam a vida do negro no Brasil e no mundo.

Para nos ajudar a compreender as reflexões, Conceição Evaristo nos menciona que:

> Nomear o que seria literatura afro-brasileira e quais seriam os seus produtores é uma questão que tem suscitando reflexões diversas. Há muito, um grupo representativo de escritores (as) afro-brasileiros (as), assim como

> algumas vozes criticas acadêmicas, vêm se afirmando a existência de um corpus literário especifico na literatura brasileira. Esse corpus se constituiria como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e mulheres negras na sociedade brasileira. Contudo há estudiosos, leitores e mesmo escritores afrodescendentes que negam a existência de uma literatura afro-brasileira. (EVARISTO, 2009, p. 01)

A literatura afro-brasileira nesse contexto de subversão, escrita por corpos negros que possuem escrivivências e limpa de estereótipos, se aproxima da realidade do negro brasileiro e suscita a construção de uma literatura que possa através de contos, poesias e estórias adentrar no imaginário da criança e repercutir na sua afirmação enquanto pessoa, mas também na sua compreensão sobre o racismo. Rodrigues (2011) ao se referir a leitura do texto literário argumenta que a mesma:

> Leva à compreensão das ideias, princípios e sentimentos que formam a consciência dos indivíduos nas diferentes épocas e esta compreensão permite, por sua vez, o entendimento mais profundo da história passada e presente. Há aspectos da visão de mundo das sociedades que só nos chegam pela literatura. Assim sendo, o exame do texto literário é necessário e pertinente, quando se busca conhecer em profundidade as circunstâncias que envolvem determinado problema social. (RODRIGUES, 2011, p. 239)

Entende-se que o racismo é um problema social, enraizado e estruturado na sociedade e não pode ser combatido se não for antes esmiuçado, compreendido. A literatura afro-brasileira nesse sentido seria uma estratégia de cutucar o problema tão pertinente e às vezes camuflado. Mas também uma estratégia de expor as demandas da negritude, pois é através do texto literário que podemos expressar nossas subjetividades e nos reconhecer.

Para compreender o papel do texto literário, trago um verso retirado da poesia *Do fogo que em mim arde* de Conceição Evaristo, que pode nos revelar muitas coisas. Sabe-se que a poesia como um texto literário tem um poder de falar de problemas sociais, aqui podemos observar que ao falar de um fogo, ela se refere a um desejo, a uma vontade que a leva a escrever sobre o seu próprio ser, sobre a sua realidade de mulher negra, que enquanto escritora está presente em seus versos.

[...] Sim, eu trago o fogo,
o outro,
aquele que me faz,
e que molda a dura pena

de minha escrita.
é este o fogo,
o meu, o que me arde
e cunha a minha face
na letra desenho
do auto-retrato meu.
(Conceição Evaristo, 2008)

Presume-se que a poesia não pode ser engessada, pois parte de um conjunto de escritas. É arte literária, não é única, ela não é algo concreto que pode ser conceituada tão simplesmente em palavras, ela é movimento... Avassaladora, a poesia tem o papel de doar sentimentos a quem escreve e quem lê, que antes de cair nas graças da realidade percorre caminhos interiores a partir das vivências e compreensões de mundo. Por isso a poesia é essencial, para enxergar além do que está colocada, a poesia é insurgência e representam as mudanças do espaço tempo, do espaço eu interior. Leite (2012) citando Pedro Lyra argumenta sobre a definição do texto literário, poesia - poema

> Por esse caminho vamos chegando aos poucos a compreender o que é poesia e em que esse conceito se distingue de poema. Segundo Pedro Lyra, este ultimo tem um caráter concreto: é "um texto escrito (primordialmente, mas não exclusivamente) em verso. Já a poesia, para esse mesmo autor, é uma substância imaterial, porque só existe no outro ser, ou seja, ela está no mundo originariamente, antes de estar no poeta e isso pode ser comprovado pela simples constatação popular de determinados objetos/situações do mundo são 'poéticos' [...]. desse terreno abstrato, a poesia passa ao concreto através do poeta, que é desafiado por ela a dar uma resposta estética" – o poema. (LEITE, 2012, p. 20).

A poesia é este campo desafiador e intenso, onde reúne o existente e não existente com o objetivo de dar forma às palavras através do poema. As poesias que se relacionam com a literatura afro-brasileira são capazes de nos mostrar os avanços da discussão racial, mas também de nos fazer conhecer os sujeitos escritores e como sua trajetória de vida influência em sua escrita.

2.2 Sujeitos e subjetividades na literatura afro-brasileira

A construção dessa pesquisa não pode ser nem de longe vista como individual, ela é coletiva, pois compreender os sujeitos e subjetividades que acompanham a construção da literatura afro-brasileira é um exercício de se enxergar enquanto “sujeito sócio- histórico”. Este de acordo com LUCCI (2006), o homem é um sujeito sócio histórico e histórico-cultural, pois é construído a partir da cultura que ele mesmo constrói, assim como é determinado a partir da sua interação com o meio e relações com os outros. Molon (2008) em um estudo sobre Vygotsky afirma que o sujeito sócio histórico se constrói na relação com os outros e por ela, é na linguagem e, por ela que se constitui o sujeito e este é constituinte de outros sujeitos. Aqui a historicidade e a singularidade são vistas como mutuamente constitutivas no sujeito. (MOLON, 2008, p.57)

Dessa forma pode-se afirmar que nossas ações, assim como nossa escrita não é neutra, ela é acompanhada de uma historicidade social e cultural que determina quem somos a partir da relação com os outros. Como dito anteriormente a escrita tem um poder de ação. Como Cuti e Conceição Evaristo, citados anteriormente, nos fala a literatura afro-brasileira surge a partir de uma serie de reflexões e é potência ao afrontar a sua existência para além de uma categoria literária, ela se coloca como um gênero e como uma necessidade para os escritores e escritoras negras que buscam se encontrar nesse processo de construção de um acervo literário representativo que seja chumbo para as estruturas racistas que compõem a sociedade.

Ao afirmar que a literatura afro-brasileira é escrita por sujeitos sócio-históricos, compreende-se que as subjetividades negras estão presentes, nesse processo de construção literário, e é entendendo as subjetividades que cercam a literatura afro-brasileira que podemos entender a utilização do texto literário como uma estratégia para a valorização do negro e denuncia da realidade racial que vivemos em nosso país.

A subjetividade não é mero olhar para dentro, é conjunto de emoções que compõem um sujeito, e que pode ser anunciada através da escrita literária, a poesia negra é repleta de subjetividades internas que denota as relações que o sujeito tem consigo e com o mundo. Isso pode ser identificado na poesia de Éle Semog que revela suas subjetividades enquanto homem negro, que sofre com os estereótipos da hipersexualização, mas da objetificação, um dos elementos herdados do período escravocrata foi e desumanização, no poema *Dançando Negro*, Éle Semog resgata

o seu dançar enquanto valor cultural que tem forte ligação com a resistência, quando conclui que seu corpo é revolução.

DANÇANDO NEGRO

Quando eu danço
atabaques excitados,
o meu corpo se esvaindo
em desejos de espaço,
a minha pele negra
dominando o cosmo,
envolvendo o infinito, o som
criando outros êxtases...
Não sou festa para os teus olhos
de branco diante de um show!
Quando eu danço há infusão dos elementos,
sou razão.
O meu corpo não é objeto,
sou revolução.
(Éle Semog, 1998)

Como podemos observar na poesia *Dançando Negro,* a expressão dos sentimentos e emoções é abundante, e é preservado o eu lírico que se manifesta no texto como sujeito de ação que se reconhece ao longo do poema. Éle Semog antes de transportar a sua subjetividade ao papel, se reconheceu enquanto sujeito sócio histórico com o poder de contribuir com a narrativa positiva do negro. O eu lírico (Voz que fala no poema), sujeito de si (subjetividade) compreende que não está só no mundo e é cotidianamente marcado pelas transformações (sujeito sócio histórico).

Visualiza-se a poesia negra como uma composição de corpos negros, corpos marcados pelas histórias de dominação e resistência que persistem na sociedade atual, Conceição Evaristo afirma que a literatura não esta aquém de quem a escreve, ela tem cor e classe social, e por isso é resistência, quando passa a existir para contar outro lado da história, um lado negado e silenciado. A poesia negra não necessariamente trás em seus versos a figura negra, ela na verdade trás elementos

que contrapõem as ideias estereotipadas do negro, valorizando a vida cotidiana e os anseios da negritude, tratando de assuntos como cabelo, família, relações, emprego, cultura, racismo, ansiedades, amor e emoções que somente corpos negros podem sentir.

O poema *Não desiste Negra* da escritora Mel Duarte, fala sobre alguns elementos que compõem a vida negra, incluindo suas subjetividades, medos e formas de resistência.

Não desiste negra, não desiste!
Ainda que tentem lhe calar,
Por mais que queiram esconder
Corre em tuas veias força yorubá,
Axé! Para que possa prosseguir!

Eles precisam saber, que a mulher negra quer
Casa pra morar
Água pra beber,
Terra pra se alimentar.
Que a mulher negra é
Ancestralidade,
Djembês e atabaques
Que ressoam dos pés.

Que a mulher negra,
tem suas convicções,
Suas imperfeições
Como qualquer outra mulher.

Vejo que nós, negras meninas
Temos olhos de estrelas,
Que por vezes se permitem constelar

O problema é que desde sempre nos tiraram a nobreza
Duvidaram das nossas ciências,

E quem antes atendia pelo pronome alteza
Hoje, pra sobreviver, lhe sobra o cargo de empregada da casa

É preciso lembrar da nossa raiz
semente negra de força matriz que brota em riste!
Mãos calejadas, corpos marcados sim
Mas de quem ainda resiste.

E não desiste negra, não desiste!
Mantenha sua fé onde lhe couber
Seja Espírita, Budista, do Candomblé.
É teu desejo de mudança,
A magia que trás na tua dança,
Que vai lhe manter de pé.

É você, mulher negra! Cujo tratamento majestade é digna!
Livre, que arma seus crespos contra o sistema,
Livre para andar na rua sem sofrer violência
E que se preciso for, levanta arma,
mas antes,
luta com poema.

E não desiste negra, não desiste!
Ainda que tentem lhe oprimir

E acredite, eles não vão parar tão cedo.
Quanto mais você se omitir, Eles vão continuar a nossa história escrevendo!
Quando olhar para as suas irmãs, veja
que todas somos o início:
Mulheres Negras!
Desde os primórdios, desde os princípios
África, mãe de todos!
Repare nos teus traços, indícios
É no teu colo onde tudo principia,

Somos as herdeiras da mudança de um novo ciclo!

E é por isso que eu digo:
Que não desisto!
Que não desisto!
Que não desisto!"
(Mel Duarte, 2015)

A poesia tem um poder de ação, Mel Duarte escritora da atualidade ao falar sobre a religiosidade, a força, o cabelo crespo e sobre o poema negro, fala enquanto mulher negra que tem construído uma serie de estratégias para existir no mundo, e com consciência nos mostra que ao transformar sua trajetória em poema, é capaz de levar um leitor ou leitora negra a encontrar inspiração, para sua própria existência. A poesia negra é reconhecimento, desabafo e ação.

2.3 Contribuições da Literatura Afro-brasileira para a Educação Brasileira

A literatura sempre esteve presente no cotidiano escolar, se manifestando nas suas mais variadas formas, todavia a literatura hegemônica no seio escolar é a literatura que Cuti chama de literatura Branca ou europeia, escrita a partir do olhar do colonizador, onde demorou muito tempo para reconhecer a existência de outros sujeitos na formação regional, e que mesmo após esse reconhecimento tratou de alegorizar os povos negros e indígenas na construção da literatura e formação da sociedade.

A imagem do negro enquanto escravo e não sujeito de si é predominante nas principais obras que marcam as escolas literárias (PROENÇA FILHO, 2004, p.161) nos alerta sobre os poemas de Gregório de Matos, os romances de Aluízio de Azevedo como Escrava Izaura, e o livro O Cortiço, onde são trabalhadas ate hoje e são referencia para a literatura brasileira, porém que apresentam o negro ora como escravo, ora como objeto, ora como a soberba, infantilizado ou exótico entre outros estereótipos. Essa predominação da imagem do negro estereotipada permanece na literatura ate o surgimento de uma escrita que apresenta o negro com maior compromisso, o que chamamos aqui de Literatura afro-brasileira.

O Avanço da Literatura afro-brasileira foi ganhando espaço não somente entre o movimento negro e literário a partir do final do sec. XX, mas também dentro do movimento educacional, foi a partir dessas articulações e esforços em publicações e pesquisas preocupadas em denunciar a discriminação racial que foi possível fazer um levante para a construção de politicas publicas afirmativas a fim de promover reparações históricas. Ressaltamos que a educação é um projeto politico, está intimamente ligada às relações de poder, e desde a constituição no Brasil é excludente com os povos africanos e afro-brasileiros. Passos (2018) ao estudar o tema menciona que:

> Desde o período da chegada dos portugueses às terras brasileiras a educação se construiu como uma importante ferramenta para formação de um tipo de sociedade. A educação oferecida no Brasil Colônia, por exemplo, tinha como objetivo a modelação dos povos nativos para se adequar aos modos europeus e inclui-lo em uma lógica de trabalho escravizado, bem como se destinava a trazer novos fieis para o catolicismo. Já a educação destinada aos colonos se direcionava para a preservação dos valores morais e religiosos. Ao passo que excluía os escravizados. (SALES E PASSO, 2018, p. 02)

Mesmo excluídos do processo de educação formal a população Negra construía suas formas de educação, seja com escolas clandestinas ou pagando alforria para que seus filhos pudessem estudar, mas isso era raro, pois as escolas eram caras e poucas pessoas letradas estavam dispostas a dar aulas para as crianças negras, porém é importante colocar que houve resistência nesse processo e que os negros brasileiros construíram suas próprias saídas para poder participar do sistema educacional.

O antropólogo e educador Darcy Ribeiro ao se referir a educação argumenta que o problema da educação brasileira, não é a crise e sim um projeto. Isso nos faz presumir que, historicamente, o Estado Brasileiro constrói mecanismos para promover a exclusão das populações negras, indígenas e os mais pobres tanto no acesso à escola quanto na formação da sociedade. Sobre o processo de exclusão, Nogueira (2002), ao descrever o prefácio do livro multiculturalismo e a pedagogia multirracial popular dispõe da seguinte forma:

> Afinal, o que racismo e democracia têm a ver com educação?
> Tudo. A educação está relacionada ao direito de oportunidade, à garantia, qualidade e dever do Estado. Neste caso, o Estado Brasileiro está totalmente omisso. Os mecanismos que impediram o acesso da população negra à educação são conhecidos atualmente como o mais hediondo método de obstrução da cidadania, de tal modo que gerações inteiras estão irremediavelmente comprometidas. (NOGUEIRA, 2002, p. 17)

Compreender como a educação historicamente trata a população negra é primordial para se entender como os avanços se deram no decorrer do tempo, e como o movimento negro, movimento educacional em busca da formação de uma sociedade igualitária costurou relações e resistências para então se chegar ao que hoje denomina-se de Lei de Diretrizes e Bases/LDB da educação brasileira, Lei 9394/96. Sabe-se que a construção de uma diretriz nacional do ensino não surge unicamente em 1996, ela decorre de uma serie de movimentações, avanços e outras tentativas de nacionalização de uma organização educacional para então se consolidar.

A Sanção da lei 9.394/96 foi um marco para a Educação Brasileira que começa a ganhar novas formas, inclusive começa a construir ações para tornar a educação acessível as minorias. A partir dai destaco-se dois princípios de acordo com a Lei De Diretrizes E Bases Da Educação Brasileira - LDB: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber. Isso nos mostra que a educação deve ser livre para a manifestação cultural e garantir igualdade de acesso e permanência na escola, esses princípios entram em confronto com a realidade racista do nosso país, pois como se sabe, a criança negra que possui contato com a escola já nos seus anos iniciais, vive conflitos por toda parte, uma vez que, o ambiente escolar hegemonicamente é branco, isso quando conseguem chegar a entrar ou permanecer na escola.

Dados da UNICEF nos mostram que 62% das crianças e adolescentes de 7 a 14 anos que estão fora da escola são negras, é preocupante quando vemos que crianças e adolescentes negras e indígenas representam 54, 5% do total de crianças e jovens no Brasil. Ou seja, mesmo as crianças e jovens negra sendo maioria são eles que estão distantes do processo educacional, um dos fatores principais para essa não participação na educação pode se explicar pela construção de nosso país a partir de politica de segregação social onde a pobreza e a discriminação racial atinge a maior parte da população brasileira (Relatório/ UNICEF/ 2010).

Embora a LDB, tenha instituído algumas garantias, não se tornou suficiente para minimizar os longos séculos de estruturação do racismo no Brasil. As lutas para minimizar ou fragilizar o racismo estrutural são recentes. Elas se iniciam, mais fortemente, a partir das movimentações sociais, após a III Conferência Mundial das Nações Unidas de 2001, contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a

Intolerância. Nesta Conferência foi reconhecido mundialmente, por parte da Organização Nações Unidas – ONU, que o Estado Brasileiro foi responsável pela marginalização da população negra. Esse reconhecimento fomentou as reivindicações do movimento negro, que conseguiram algumas conquistas educacionais. No documento das orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais Cavalleiro (2006), aponta que:

> Coerentemente com suas reivindicações e propostas históricas, as fortes campanhas empreendidas pelo Movimento Negro tem possibilitado ao Estado brasileiro formular projetos no sentido de promover políticas e programas para população afro-brasileira e valorizar a história e a cultura do povo negro. Entre os resultados, a Lei nº 9.394/96 foi alterada por meio da inserção dos artigos 26-A e 79-B, referidos na Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no currículo da Educação Básica e inclui no calendário escolar o dia 20 de novembro como "Dia Nacional da Consciência Negra". (CAVALLEIRO, 2006, p. 21).

A promulgação da lei 10.639 se deu no ano de 2003, contudo os sistemas de ensino, já estavam carregados de sujeitos negros e estereótipos sobre a imagem do negro, mesmo com a obrigatoriedade houve um déficit, pois nem todos os sistemas de ensino estavam preparados para fazer as devidas modificações, assim como os currículos desde a formação inicial dos professores não trazem em seu seio a discussão das relações étnico-raciais e, quando trazem é de maneira muito superficial. Presume-se que esta deficiência é ocasionada pela falta de formação inicial dos professores/as e também, pela falta de formação continuada bem como de uma política de motivação dos sistemas de ensino. Nota-se que a obrigatoriedade contribuiu para falsear, uma vez que os professores sem grandes subsídios para o exercício da educação das relações étnico raciais inserem nas discussões sobre o tema questões estereotipada que ao invés de minimizar acabam reforçando o preconceito, ou ainda promovem a discussões apenas de maneira pontual como nos dias 18 de maio ou 20 de novembro.

Gomes (2012, p. 100) ao discorrer sobre a prática da Lei 10.639/03 aponta que:

> [...] uma análise que nos permita avançar ou compreender de maneira mais profunda esse momento da educação brasileira não pode prescindir de uma leitura atenta que articule as duras condições materiais de existência vivida pelos sujeitos sociais às dinâmicas culturais, identitárias e políticas. É nesse contexto que se encontra a demanda curricular de introdução obrigatória do ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras nas escolas da educação básica. Ela exige mudança de práticas e descolonização dos currículos da educação básica e superior em relação à África e aos afro-brasileiros. Mudanças de representação e de práticas. Exige questionamento dos lugares de poder. Indaga a relação entre direitos e

> privilégios arraigada em nossa cultura política e educacional, em nossas escolas e na própria universidade.

Essa dificuldade em efetivar o ensino das relações étnico-raciais, é um contexto ainda atual nos diversos currículos da educação superior, mesmo após e 17 anos, da promulgação da lei, ainda há uma resistência dos sistemas de ensino em promover as alterações necessárias para a sua aplicação, por isso é fundamental que seja confrontada e pertinente esse debate. Ainda há muito que se questionar e alterar para a construção de uma educação que respeite a diversidade da sociedade brasileira.

Contudo, é possível encontrar escolas que constroem junto com o município estratégias de consolidação da lei, seja a partir do fomento de ações de formação de maneira transversal com todos os professores da escola, seja a partir de parcerias com instituições que já fazem a discussão da temática negra. As universidades ou movimentos sociais acabam sendo peças chaves nesse processo de construção de uma educação das relações étnico-raciais.

SESSÃO II – SOU PORQUE NÓS SOMOS

Ubuntu vem da língua zulu e significa Sou porque todos nós somos, conta a lenda africana, que um pesquisador para compreender os valores, levou uma cesta de frutas e doces para as crianças, e disse que a primeira a chegar a uma arvore ganharia a cesta, o pesquisador se surpreendeu ao perceber que as crianças deram as mãos e chegaram juntas a arvore, e todas puderam usufruir juntas das frutas e doces. Ao perguntar por que fizeram isso, uma criança respondeu que era impossível ser feliz vendo o outro triste. Ubuntu é uma filosofia de vida, é a reconstrução e regaste de nossos valores mais humanos.

Vilma Medina

3.1 Identidade e suas faces

O termo identidade reúne um aglomerado de interpretações em campos diversos, no campo social, pessoal, cultural e do trabalho. Identificar esses conceitos e suas faces é importante para entendermos como que se desenha a construção da identidade de um sujeito e como e porque esta construção de identidade nunca é individual, passando a ser coletiva a partir do momento que o sujeito veste tal identidade. Com tudo Os estudos sobre identidade são complexos e por isso existe uma dificuldade em melhor encontrar um lugar em que caibam as discussões no campo dos estudos sobre relações sociais e educacionais. Desta forma tentou-se fazer um apanhado geral das interpretações da identidade a partir de Machado (2003); Ferreira e Camargo (2011); Almeida (2018); Santana (2015); Munanga (2019) e (2012); e Gomes (2003), costurando as articulações necessárias para a melhor conversação e andamento desta pesquisa.

Para Machado (2003), apresentar as faces da identidade pode soar até mesmo um tanto quanto presunçoso, a partir do momento que a classifico como: subjetiva e mutável a que de fato é ao entendermos como pessoal: quando é determinada a partir do individuo e social quando a identidade é determinada a partir da relação do sujeito com os grupos que pertence.

Diante disso, a ideia de identidade a partir do pertencimento de grupo é pertinente nas discussões sobre as relações étnico raciais, onde a ideia coletiva causa fortalecimento na construção de uma identidade, é que vemos no decorrer deste capitulo.

Ao se reportar sobre identidade pessoal Machado (2003) diz que

> O conceito de si é, portanto uma construção mental complexa fruto de uma relação dialética que considera o indivíduo igual a seus pares, mas único na sua existência, na sua experiência e vivência pessoal. A igualdade e a diferença permeiam a todo o momento as tentativas de auto representação por parte dos indivíduos. Assim uma identidade bem construída é aquela que delineou os limites entre a individualidade e os grupos aos quais a pessoa está vinculada. O resultado é que, embora reunidos na presença física, o eu e o grupo se encontram separados nos processos psíquicos. (MACHADO, 2003, p. 55)

Partindo da ideia de que a construção de identidade está relacionada com os vazios entre a subjetividade e as expectativas do outro, podemos perceber que a identidade tem forte relação com o coletivo, não podendo ser definida a partir somente de anseios individuais, todavia é a partir desses anseios que se constituem os processos de individualizar, tornar único determinado sujeito. Desta forma a identidade pessoal se apresenta como necessária e não única, é parte do processo de construção de identidade, que se constrói desde a infância.

Esse processo de construir identidade é complexo, requer tempo e está ligado intimamente com o meio em que a o sujeito vive e neste ponto podemos trazer as considerações sobre a identidade social, que por sua vez é a relação de identificação do sujeito a partir de suas relações de grupo, ou seja, a partir do seu local de vivência é possível definir suas relações com determinados grupos e desta forma construir uma identidade. Machado (2003) citando grandes estudiosos do tema aponta que

> A identidade social se funda sob determinadas categorias, como, por exemplo, a etnia, a identidade sexual, a classe social, os portadores de deficiências, a idade, entre outras. Unidos sob o mesmo fundamento, os indivíduos procuram sua contextualização no tempo e no espaço, buscando fortalecer suas identidades. Por essa razão é que as manifestações ligadas a nacionalismos e a movimentos sociais se processam num dado contexto de construção social das identidades, que a todo o momento são construídas e desconstruídas. Por isso a identidade social é também associada a bases de poder (Deetz, 1994; Antaki e Widdicombe, 1998). (MACHADO, 2003, p. 57)

Estas categorias que Machado mostra-nos que as relações de identidade se interligam com os espaços que o sujeito ocupa em nossa sociedade, ou que vão ocupando ao longo do tempo. A partir do momento que o sujeito reconhece um grupo como “seu” ele passa a vivenciar uma trajetória coletiva, de construção ideológica que emerge a partir e pelo grupo ao qual pertence, essa relação tem um peso na construção e desconstrução de identidade. Quando me reporto ao termo desconstrução, falo que é necessário o sujeito se despir de determinados valores e ideologias para então caber/vestir/entrar em determinado grupo. Assim como a

identidade pessoal a identidade social não é única, ambas se desenvolvem em conjunto e podem se construir ou descontruir ao longo de toda vida, tendo uma presença grande desse movimento de ir e vir na infância e adolescência onde o sujeito acaba por ocupar uma diversidade de espaços sociais.

Todavia as discussões não se esgotam aqui, tendo em vista que se pretende abordar as faces da construção da identidade na perspectiva das questões étnico raciais. Que não se desassocia das colocações acima, mas que se difere, ao entendermos que a memoria também é um ponto determinante no processo de construção de identidade, assim como as relações sociais e os espaços de poder.

Desse modo, é preciso retornar nossos olhos e ouvidos para a história do Brasil, para poder melhor analisar os processos de construção de identidade social. O Brasil foi o país que viveu o maior período de escravização de indígenas, africanos e afro-brasileiros, foram mais de 300 anos de exploração. Mesmo após a abolição, o país não buscou meios para inserir esses grupos sociais na formação da sociedade, o que propiciou incidência da exploração de forma autorizada, no sentido de que negros e indígenas continuavam as margens da sociedade, embora contribuindo fortemente para a economia através do trabalho braçal, o que resultou na não liberdade das populações em diáspora, que afundou na marginalização ocasionada pelo próprio Estado. Nesse processo de desigualdade, dois sujeitos fizeram e fazem parte da manutenção deste sistema, quando nos reportamos ao preconceito racial no Brasil que.

> Foi historicamente construído a partir da interação entre dois grupos: o colonizador europeu que assumiu uma concepção de mundo considerada superior e que, em decorrência, estigmatizou outros grupos, nesse caso, os não brancos, caracterizando-os como de qualidade inferior, crença que passou a ter a função de justificar a dominação sobre eles. (FERREIRA; CAMARGO, 2011, p. 376).

Esse processo violento de exploração reafirmou as relações de poder, que mantinha brancos europeus no centro das decisões e os negros africanos, afro-brasileiros e indígenas no rastelo do poder, os europeus para continuarem nessa posição social privilegiada constituíram mecanismos como a construção de estereótipos e estigmas contra a população negra, tais estereótipos colocara o negro em posição e situação inferior ao sujeito branco. A perpetuação desse processo resultou em uma sociedade que possui o racismo enraizado em sua estrutura. Silvio

de Almeida ressalta a afirmação e fala sobre a naturalização do racismo afirmando que:

> O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo normal com que se constituem as relações políticas econômicas e jurídicas e até familiares não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional o racismo é estrutural comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade por racismo em regra e não exceção. (ALMEIDA, 2018, p. 38)

A estruturação do racismo em nossa sociedade, não parte de hoje é um processo que reúne uma serie de silenciamento da população negra, esta que teve os direitos a saúde, educação e participação politica negadas – que se nega até hoje – esse silenciar se projeta na literatura, onde a história da formação da sociedade brasileira – no âmbito da politica, da ciência e social - é contada a partir do olhar do colonizador, do explorador... E isso evidentemente contribui para a naturalização do racismo em nossa sociedade.

A ausência na literatura, do negro enquanto protagonista de lutas e participante vital na economia, alimenta os estereótipos contra o negro, e esse olhar do outro para o sujeito negro, interfere na sua construção de identidade. Percebe-se a partir do trecho abaixo o quão complexo é existir em uma sociedade em que o negro é marginalizado e tem sua história de vida, sua memória negada, silenciada ao ponto de negar construção da identidade bem como uma relação de pertencimento.

> Tenho 30 anos, mas sou negra há apenas dez. antes, era morena. Minha cor era praticamente travessura do Sol. Era morena para as professoras do Colégio católico, para os coleguinhas - que talvez não tomassem tanto sol - e para toda a família que nunca gostou do assunto. “mas a vó não é descendente de escravos?” eu insistia em perguntar. “e de índio e português também”, era o máximo que respondia. Eu até achava bonito Ser tão brasileira. Talvez por isso aceitasse o fim da conversa. (SANTANA, 2015, p. 13)

A escritora Bianca Santana, negra, se remota ao seu processo de descobrir-se enquanto negra e trás em seu relato algumas discussões interessantes para entender a irradiação do racismo em nossa construção de identidade. Ela nos fala que só foi possível se entender e se reafirmar enquanto negra com 20 anos de idade, e nos mostra o quanto é conflituoso essa relação de construção de identidade a partir do momento que a sociedade – as pessoas a sua volta - negam-lhe o direito de pertencimento e reconhecimento da sua cultura, como exemplo quando à

chamam de morena e explicando o fato da sua cor escura a partir de uma ideia totalmente absurda – a exposição ao sol, e tal contextualização não se dava somente na escola, mas se estendia a sua família, que trazia em seu discurso a naturalização da miscigenação no Brasil, período o qual diversas mulheres negras foram violadas e o processo de branqueamento legitimado. E assim foi inculcada na criança a imagem de um Brasil de todos e a ideia de aceitação, normalização e não questionamento as diferenças raciais.

O silenciamento e ausência –forçada- do negro na construção da nossa história, certamente contribuíram para a maneira como a escola e a família de Bianca se comportaram diante dos questionamentos, o que nos leva a refletir sobre a padronização do sujeito, qual é o sujeito ideal? A partir de quais relações esse sujeito foi constituído como ideal?

No ideário brasileiro o sujeito ideal seria o sujeito branco, idealizado a partir das relações sociais, dada as circunstâncias de construção da nossa sociedade marcada pela segregação. Ao idealizarmos um sujeito ideal, colocamos todos os sujeitos que não se encaixam nesse padrão, excluímos os sujeitos diferentes do processo de pertencimento e dessa forma vai se engessando na subjetividade da pessoa negra a ideia de não lugar.

Viver em um contexto de constante negação é prejudicial no processo de construção de identidade,

> As pessoas negras, submetidas a um processo de desvalorização constante, tendem a se identificar com uma minoria estigmatizada, sob os rótulos de inferiores, desprovidos de beleza, pobres e incapazes, e fazem parte do segmento da população brasileira que talvez mais sofra o efeito da discriminação e do preconceito, sempre encobertos por frases e gestos ambíguos. (FERREIRA; CAMARGO, 2011, p. 387)

A decorrência dessa ação de desvalorização, leva à negação de elementos identitários: o cabelo, os lábios e o nariz, tendo em vista que os mesmo não se encaixam no padrão historicamente idealizado. A negação pode partir do próprio sujeito negro e de forma mais latente do sujeito branco para com o negro. Essa negação coloca o negro num constate pensamento, do que fazer para se encaixar e se sentir pertencente a um grupo? E assim é levado a imposição do alisar seu cabelo, se autoproclamar como moreno, tentando dessa forma minimizar os rótulos dados as características negras.

Cabe ressaltar que a sociedade leva o negro a não se enxergar e muitas vezes negar suas características, um país onde os sistemas econômicos giram em

torno da exploração, as populações negras são a base da pirâmide social, tende a naturalizar essas violações e consequentemente marcar o ideário da pessoa negra. A falta de representações nos espaços, pode-se verificar a ausência do negro em novelas, jornais, quadrinhos e estórias infantis, entre outros. A presença do negro aparece inferiorizada ou negativa, ou seja, o negro bandido, empregada doméstica, analfabeto e assim seguem consolidando o caminho de manipulação da história da população negra.

Essa distorção refletida em todas as instituições sociais influencia o sujeito negro no seu processo de construção de identidade, o que se torna um constante dilema do construir e desconstruir, negar o padrão ou negar-se, e tais dilemas são introjetados em nossa subjetividade diária e refletida em nossas ações e em nossa autoestima. Por mais que o sujeito negro em um dado momento se entregue a lógica das ideias eurocêntricas e de democracia racial, é o sujeito negro que vai sentir na pele, no corpo e na sua subjetividade a violência racial. Todavia a manutenção da descriminação fez com que fossem criadas ferramentas eufêmicas, que contribuem para o não reconhecimento do racismo como discriminação racial.

Nesse sentido Ferreira e Camargo afirmam que

> ao negro coube a possibilidade de se desenvolver como cidadão de *segunda classe*, decorrendo daí o desenvolvimento de uma identidade articulada em torno de valores considerados socialmente negativos, alimentados pelo preconceito e pela discriminação. Além disso, torna-se muito difícil delinear a situação de discriminação racial, pois foram criados mecanismos sociais sofisticados que negam o preconceito. A discriminação é geralmente veiculada de uma forma encoberta, através de frases *educadas* e de eufemismos, alimentando a ideia de que no Brasil o preconceito não existe, o que evidentemente é uma inverdade. (FERREIRA; CAMARGO, 2011, p. 377).

Está dado para nós, que a tarefa da construção de uma identidade pessoal e social é mais complexa e profunda para as populações Negras, tendo em vista o papel da história na formação e manutenção de espaços de segregação. Para a população negra resta à árdua tarefa de resgatar seus elementos históricos e culturais que ao longo dos anos foram silenciados e inviabilizados pela sociedade, resgatar esses valores para então construir uma identidade de pertencimento com seu grupo.

Pertencer a um grupo, é mais que possibilitar a construção de uma identidade coletiva, possibilita a formação de um sujeito capaz de se interessar por uma série de demandas e pautas sociais as quais o grupo se identifica e contribuir para o

processo de transformação da nossa sociedade, dessa forma a identidade social e coletiva, pode ser parte de um plano muito maior da mobilização do povo em prol de melhorias significativas para o grupo a qual pertence. Por tais elementos que é possível dialogar com as afirmações de Munanga (2019), quando nos propõem um olhar de questionamento para então chegarmos a um caminho mais solido sobre a construção da identidade negra. Nas palavras do autor

> Uma tal identificação – ("Quem Somos Nós?" – "De onde viemos e aonde vamos?" – "Qual é a nossa posição na sociedade?"; "Quem são eles?" – "de onde vieram e aonde vão?" – "Qual a posição deles na sociedade?") - vai permitir o desencadeamento de um processo de construção de identidade ou personalidade coletiva, que serve de plataforma mobilizadora.
> Uma tal identidade, que é sempre um processo e não com produto acabado, não será construída No Vazio, pois seus constitutivos são escolhidos entre os elementos comuns aos membros do grupo: língua, história, território, cultura, religião, situação social etc. esses elementos não precisam estar com concomitantemente reunidos para deflagrar o processo, pois as culturas em diáspora tem que contar apenas com aqueles que resistiram, ou que elas conquistaram em seus novos territórios. (MUNANGA, 2019, p. 16)

A identidade como processo que não se acaba e é constante ato de se reafirmar no mundo coloca ao sujeito negro a batalha cotidiana de reconstruir sua identidade, tendo em vista que precisa constantemente se blindar contra o preconceito racial, para então resgatar suas características e elementos determinantes de sua identidade negra. Passa assim por dois processos: o de buscar sua identidade e de torna-la positiva para si e posteriormente para o outro, numa movimentação social. Com isso é possível enxergar a necessidade de construir uma imagem do negro de maneira positiva, em todas as esferas da sociedade para então o sujeito negro se reafirmar e logo servir de referencia para a construção de outras identidades.

Gomes (2003, p.171) resume bem as implicações apresentadas nesta sessão sobre a construção de identidade negra argumentando que.

> A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro.
> Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros.

O desafio ao qual enfrentamos assume patamares maiores, tendo em vista a própria dificuldade do negro em construir uma relação mais intima e em unidade com sua população, o movimento negro que assume a responsabilidade de

organizar as nossas demandas e pautas, também se torna responsável por contribuir no debate e formulação de estratégias para combater o racismo no país.

3.2 Negritude uma identidade em construção

Desde a mais tenra idade Aurora ouvir as histórias
Contadas do tetravô
Que chegaram de navio de um continente distante
De Cultura diferente
O que povoava sua mente infantil de um passado de Glória
Depois se entenderá por gente
E viu que, no balanço do mar, do balanço da raça,
Seu tetravô foi arrancado da tribo enfiado na senzala
Sob o gingado do chicote:
Sem a tribo, perdera os parentes
Sem raiz, perdera o nome
Sem a sua cultura, foi se divertir o orixá
A vida ficou para trás no Sem Fim do Além Mar.

Aurora ganhara apelido de ‘negrinha da Periferia’
Herdada da mãe, a qual a rodada do pai - coisas do tetravô:
Os olhos vivos espertos do jeito do Penteado, o
Narizinho achatado, lábio grosso e a bochecha carnuda
[gostosa de se morder!] e a cor de sua pele
Uma doçura de menina: forte, altiva, inteligente, com futuro promissor.

Porém cedo se deu conta de que a cor da sua pele era bem mais que apenas cor
Nela se prolongavam as chibatadas disparadas contra o velho tetravô
E as marcas da Senzala machucavam lhe, cada vez mais, o corpo e a mente.
Num dia em que ela brincava com os colegas de bairro
Na rua da periferia da cidade onde morava
Viu chegar policiais mais raivosos que cão de guarda
Descendo das viaturas já com a arma na mão
Bradaram: ‘pára ladrão!’

Dispersaram todo mundo
E prenderam Eduardo que atravessava a rua
Acusado de mil coisas que nunca sonhara fazer
O crime era a cor da pele que o tornava suspeito sem poder se defender.

Aurora participava no mês de coroação
Com roupa de anjinho branco no degrau debaixo da escada
O que a deixava triste bastante desconfiada
Mas foi na escola que sentira a escravidão viva e latente
Com piadinhas maldosas contra si e sua gente
E com seu rosto escondido na fila lá de trás
Deixando aparecer somente a sua voz Divinal
Quando cantava o solo na apresentação do coral.
Sua inteligência em para render a nota dez
E o primeiro lugar cursando o segundo grau
Mas quando for aplaudida em meio ao salão de festa
Recebera um elogio que lhe suara ambíguo:
‘Aurora é preta de alma branca!’
Aquela força de expressão que quis ser elogiosa
Acabou fundo no seu coração e se pôs a perguntar:
Por que uma boa alma não pode ser de cor preta?
Por que um anjo bom tem de ter sempre Asa Branca?
Por que o bem é Branco?
Por quê? Por quê?

Aurora refletiu muito de se dobrar sobre a história
Viu falar dos Quilombolas e de Zumbi dos Palmares
Mas como faltasse alguém que lhe abrisse a visão
Sobre as utiliza bruta da ideologia da Dominação
E mostrasse que a solução é a luta coletiva
Teve raiva daquela escola e da pele e do tetravô
Resolveu trocar de cor
Declarou-se morena no Censo de IBGE
Ajudando a branquear o Brasil que a elite quer

Ralou como empregada na casa de um professor
Namorou um rapaz branco contra a vontade do avô
Aplicou-se aos estudos
Pensou em fazer história em sonhou com Geografia
Mas temendo a memória e o transtorno que isso trazia
Resolveu então cursar administração de empresa
Foi tal sua destreza: fez mestrado e doutorado
Colocando a inteligência a serviço do mercado
Numa Senzala moderna
De uma raça prisioneira numa classe dominada.

A “negra de alma branca” em dois anos de Empregada
Já subgerente com futuro promissor
Sabia do nada a tudo com o estudado e a inteligência
Cotejada pelos chefes na hora da decisão
Iam até em férias onde quer que estivesse
E buscavam seu saber para o lucro do patrão
Quantas vezes descansando numas férias merecidas
Ou estudando em casa
Buscando romper sozinha aquela Senzala da vida
Tocava-se a campainha e sua mãezinha chamá-la: ‘Aurora, é o gerente!’
Ela se finja contente e ia depressa atendê-lo.

Aurora que ‘dirigia’ um grande império em ascensão
De sob a sombra da cor como se fora a gerente
Coordenava os operários
Articulava os bastidores
Passava horas ao telefone [já que a voz não tem cor]
E falava com doutores: parceiros ou concorrentes
Abrindo sempre caminho para os negócios do patrão.
Quando ia pessoalmente alguma reunião
Ficava como ajudante: era a orientação!

Era que fazer tudo com extrema competência

Tivera oportunidade bem mais que os da sua raça
Driblou algumas Barreiras no jogo capitalista.
Incluindo-se entre os poucos do curso superior
Mas não chegara À gerência devido à sua cor
Com o seu pé na senzala herdado do tetravô.
(Antônio Claret Fernandes, 2012).

A partir da poesia repente de Antônio Claret, recebemos a história da Aurora a menina/moça/mulher negra que enfrenta diversos dilemas para a construção de sua negritude. E podemos destacar alguns dilemas vivenciados por ela:

- Conhecer a verdadeira história
- Lidar com o peso se perceber na sociedade
- Sofrer de maneira incisiva o racismo em sua vida
- Negar sua identidade
- Não conseguir fugir das artimanhas do racismo

1 – *Conhecer sua verdadeira história*

A princípio pode-se perceber que Aurora trás em sua história uma trajetória de seus antepassados, que vivem ainda os tempos remotos da escravidão, essa história, todavia não era anunciada a ela da maneira como de fato ocorreu, onde podemos ver que ela acredita em uma ideia romantizada do trafico de negros da África para o Brasil, e logo após entende que a verdadeira história era de exploração e silenciamento dos elementos que compõe a sua cultura. Ainda nesse primeiro momento podemos ressaltar a presença forte da imagem e representação de seu tetravô. E nesse momento Aurora vive o dilema de conhecer a verdadeira história.

2 – *Lidar com o peso de se perceber na sociedade*

Outro dilema vivido por ela é se perceber enquanto descendente de seu tetravô e mãe e receber a carga simbólica e identitárias de tais familiares, ali ela passa a se perceber na sociedade enquanto “negrinha”, tendo olhos, boca, cor cravados como elementos decisivos para a sua identidade, e mais tarde percebe que sua cor tem uma representação forte para outras pessoas.

3 – *Sofre de maneira incisiva o racismo em sua vida*

Aurora passa a sentir na pele e na mente as relações racistas existentes na nossa sociedade, quando vê seu colega de bairro sendo preso sem nada ter feito, ou quando é escondida no coral da escola, por sua cor, não é vista, é apenas ouvida. E passa então a se questionar: por que as coisas ruins são atreladas ao negro e as boas aos brancos? Questiona sobre as asas de anjo; questiona sobre tudo. Mas quando a chamam de: “Aurora, preta de alma branca”, ali ela não entende porque para ser boa e tirar boas notas ela precisa ser associada ao branco? Porque sua cor era tão decisiva nas construções diárias que vivia? Nesse momento Aurora questiona as amarras raciais existentes, mas ainda não consegue vivenciar sua negritude. E sem um suporte – aqui na história existe um buraco, onde não conseguimos identificar o que ao autor quis dizer sobre ela não ter tido ninguém para lhe abrir a visão – mas vamos entender como uma critica do autor, da falta de unidade na construção da identidade negra, que acaba por alimentar a máquina geradora das piores explorações raciais.

4 – *Negar a sua identidade*

Chega-se ao grande dilema de negação, após vivenciar momentos dolorosos da sua história e na sua vida, Aurora nega a sua negritude, e se coloca como morena para a sociedade, na esperança de ser aceita e vive uma saga em busca dessa aceitação e assimilação, ao recusar sua vontade em estudar geografia ou historia em não ouvir os ensinamentos do seu avô e construir uma relação com o branco – o que nos remete as histórias dos antepassados, em que mulheres negras casavam com homens brancos na tentativa de clarear seus filhos, e assim inculcavam em seus filhos essa logica, na tentativa de chegarem próximo a branquitude – e se esforçava muito para alcançar novos voos no trabalho.

5 – *Não conseguir fugir das artimanhas do racismo*

O que Aurora não esperava era que mesmo se identificando como morena a sociedade ainda a via, como a esquina das decisões onde as tomadas de decisão e cargos altos não a cabiam, grande prova disso é seu esforço no ambiente de trabalho, que a levou a lugar de subalternidade, não nunca chegou ao cargo de gerente, não chegou por sua cor, que mesmo assimilada a branquitude ainda é uma identidade fora do padrão. Pessoas negras que possuem uma tonalidade mais clara

continuam sofrendo racismo, sendo impedidas de entrar em determinados espaços além de serem mortas nas vielas. Dessa forma a Aurora não consegue fugir dos dilemas raciais, ela acaba entrando na maquina geradora que só visa o privilegio das elites, ela negou sua identidade, se colocou nessa situação de não lugar, e não conseguiu se encaixar nos parâmetros da branquitude.

Ainda temos uma dificuldade grande em definir o termo que melhor nos representa (negros, pretos, afrodescendentes, afro-brasileiros), e isso é ocasionado por conta desse processo forçado de colonização e branqueamento. As novas teorias de assimilação são uma estratégia do capitalismo para nos subdividir e os negros de pele clara aderir ao discurso de aceitação e de democracia racial. O que quero ressaltar é a necessidade urgente das populações negras se enxergarem de maneira condensada para então conquistarem coletivamente uma identidade negra, resignificando a identidade nacional brasileira.

Munanga (2009) aponta sobre a negritude/identidade mencionado que estas:

> se referem à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros. A Negritude não se refere somente à cultura dos povos portadores da Pele Negra que de fato são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é como parece indicar, o termo Negritude à cor da pele, mas simples fato de terem sido na história vítima das piores tentativas de desumanização e de terem sido ter sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de ter sido simplesmente negar a existência dessas culturas. (MUNANGA, 2009, p. 20)

As afirmações de Munanga nos mostra que o termo negritude, tem o poder e função de abraçar as populações negras e estas construírem uma referência coletiva, para inclusive abalarem as estruturas sociais. Mas não é um caminho fácil, é preciso ser bastante sensível para compreender as limitações das populações negras em constituírem uma identidade negra única, onde é interrompida pelos diversos processos de marginalização da nossa população, o que nos leva a um medo interno, uma subserviência em optarmos um caminho menos doloroso – o da assimilação-, mas um fim trágico.

Assim como Aurora, há milhares de negros no Brasil com dificuldades em atravessar as barreiras de construir uma identidade negra, e muitos enfrentam de maneira solitária seus dilemas, seja porque a família absorveu outro discurso, seja porque não consegue chegar a um grupo que ajude nesse processo de construção

de identidade, seja por conta da própria sociedade que tende a nós oprimir diante de nossas tentativas de construção coletiva.

São muitos os dilemas que percorrem a construção de identidade negra, mas um em especifico é apontado pelo estudioso kabengele Munanga, que frisa a importância da construção de unidade para a efetivação de uma identidade coletiva afirmando que:

> A Negritude nasce de um sentimento de frustração dos intelectuais negros por não ter encontrado no humanismo ocidental todas as dimensões de sua personalidade. Nesse sentido, é uma reação, uma defesa do perfil cultural do negro. Representa um protesto contra a atitude do europeu em querer ignorar outra realidade que não a dele, uma recusa da simulação Colonial, uma rejeição política, um conjunto de valores do mundo negro, que devem ser reencontrados, defendidos e mesmo repensadas. Resumindo, trata-se primeiro de proclamar a originalidade da organização sociocultural dos negros, para depois defender sua unidade através de uma política de contra- aculturação, ou seja, desalienação autêntica. (MUNAGA, 2012, p. 63).

A negritude enquanto reação, ainda está em construção, ainda é preciso muito para as populações negras entender seu lugar no Brasil, e construir estratégias para contornar todos os dilemas que cercam a construção de identidade de negra. O que Munanga nos apresenta é um importante caminho para alcançarmos a conformação de nossas pautas e não mais alimentarmos as estruturas dominantes. Essa não é uma tarefa fácil, visto as problemáticas que se apresentam no processo de afirmação da negritude, mas é possível e um passo importante foi dado a partir dos intelectuais atuais que estão se desafiando na construção de uma literatura que pode contribuir objetivamente na construção da identidade negra, uma literatura marcada pela representatividade e pelo lugar de fala dos diferentes negros que formam a nossa sociedade, tal literatura nos inclina na direção do chamamento da negritude para a construção de uma sociedade antirracista.

3.3 Quem sou eu: raízes e descobertas da negritude

Torna-se necessário indagar sobre o papel da escola, nesse processo de construção de identidades e principalmente da identidade negra. Após a promulgação da lei 10.639/03, a escola passou a ter em suas mãos uma responsabilidade educacional muito maior, o compromisso de educar a partir de uma

diretriz que possa abarcar as crianças negras, e contribuir para a construção de sua identidade, mas também contribuir na desconstrução do racismo no imaginário das demais crianças que se julgam brancas.

Gomes (2003, p. 173) ao se reportar ao debate sobre racismo afirma que “lamentavelmente, na maioria das vezes, a instituição escolar aparece nas lembranças ...[...] reforçando estereótipos e representações negativas sobre o negro e o seu padrão estético” essas lembranças permanecem no imaginário infantil e são alimentadas ao longo do tempo, a escola não é uma instituição separada da sociedade, ela é reprodução e imagem do que a sociedade é. Um corpo de professores preocupados com a história vista por outra perspectiva é indispensável para que a escola seja lembrada como um espaço de desafio e de novas perspectivas para as crianças.

As afirmações do autor (op.cit) nos leva a profunda reflexão do papel da escola na valorização da identidade de uma criança, percebe-se que ainda há um longo caminho a seguir para que de fato as crianças negras sintam-se acolhidas na escola e que nela possam sentir-se sujeitos participantes da sociedade, desconstruindo estereótipos e construindo novas perspectivas de se enxergar.

A escola imersa em uma realidade com inúmeras culturas, valores e diferentes níveis de consciência, juntamente com o professor tem o papel de contribuir na identificação dessas identidades e tão logo na reafirmação delas em um viés positivo. Gomes aponta que a articulação entre escola e espaços não escolares (movimentos sociais, grupos de jovens e salões de beleza) seja qual for que procura de uma forma ou outra contribuir para a reafirmação da identidade negra deve ser considerado nas pesquisas raciais e pela escola para se construir relações de dialogo.

Se por um lado entende-se que qualquer espaço é capaz de contribuir na construção de identidade de alguém, por outro se entende que qualquer espaço pode fazer o movimento contrário, buscar estratégias para aumentar o número de lugares e grupos que consigam mesmo que timidamente desconstruir a ideia eurocêntrica do negro é contribuir para que as crianças tenham a chance de vivenciar sua cultura e conhecer sua verdadeira história.

Passo (2002), nos leva a refletir sobre a organização escolar vigente que acaba por impedir que crianças e adolescentes desenvolvam ou aceite suas diferenças analisando que:

> A organização escolar que tem predominado e insiste em não permitir as crianças ou adolescentes apenas vivência de suas pluralidades de saberes, sua diversidade de raça e etnia, de gênero, de valores morais e religiosos, de sentimentos, desejos e fantasias. Essas dimensões fundamentais que dão sentido à Vida são dificultadas ainda mais no espaço da escola, se consideramos as meninas e meninos negros. (PASSOS, 2002, p. 22)

A Autora nos leva a perceber as dificuldades que a escola em sua complexidade Educacional tem de fato desconstruir os valores que são refletidos nela dessa forma acaba que favorece uma favorece a construção de crianças e adolescentes reprimidos que não podem de fato expressar as suas subjetividades e as suas referências e principalmente em relação a viver a sua a sua cultura indígena a sua identidade Negra. Passos (2002) também cita Giroux para nos lembrar de que as marcas da sociedade dominantes estão latentes na organização escolar, e ajudam a homogeneizar a sociedade e tende a ignorar as subjetividades.

Não podemos logicamente responsabilizar somente a escola nessa tarefa de enfrentamento a desigualdade, mas é nela onde se manifestam estas desigualdades e ora ou outra são alimentadas seja pela estrutura educacional, seja pelo seu conjunto profissional.

Alguns autores vão discorrer sobre a relação da identidade com a escola e como a relações de poder se acentua no cotidiano escolar

> A escola básica esta praticamente universalizada no Brasil, com quase todas as crianças tenho acesso a ela. No entanto a impressão e que a diferença entre negros e brancos não diminui o problema e que não há politica publica para garantir a permanência dessas crianças na escola. Uma das razões para a evasão é que as famílias precisam de que os filhos ajudem no orçamento e muitas crianças negras têm de começar a trabalhar. Além disso, inúmeros estudos tem mostrado que o racismo expulsa a criança da escola. Um dos primeiros foi escola em 1985 pelo professor Luiz Roberto Gonçalves, da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e falava sobre o silencio do professor. Ele mostrava que a crianças negras sofre discriminação de outros colegas, mas o professor não sabe como lidar com isso ou não vê. (GOMES, ISABEL, 2020, s/p)

Os professores muitas vezes não enxergam as relações raciais e preconceitos, pois não foram preparados para lidar com essas situações na escola, acabam por deixar passar, como se fosse algo menor, o que acentua a desesperança e sentimento de inferioridade da criança negra. Essas inseguranças e preconceitos raciais sofridos na escola contribuem para o afastamento da criança negra, que também sofre com a questão social quando é imposto a ela o trabalho informal desde cedo para contribuir na formação financeira da família. Essas

situações poderiam ser amenizadas com a construção de uma politica de permanência de sujeitos na educação básica, se já é difícil chegar nesse espaço educacional, permanecer é uma dura tarefa.

A ausência de uma formação docente construiu educadores com pouca experiência na temática, o que os leva a uma dificuldade em se utilizar do tema das questões afro-brasileiras e indígenas, o próprio reconstruir uma pedagogia é complicado, ainda mais quando são confortados valores e construções que pareciam tão solidas para estes profissionais.

Nota-se que algumas escolas na tentativa de construir ações que movimentem a escola em torno dessa temática, construíram relações e projetos com organizações sociais e universidades a fim de garantirem a formação do corpo docente mas também a construção de estratégias de trabalho cotidiano nas sala de aula. Nilma Lino Gomes discorre sobre a importante de articulação com outros setores, tendo em vista que um espaço educacional traspassa a escola, e que mesmo cumprido um papel importante no processo de escolarização institucional, esta pode convocar nossas instituições sociais para construir a temática de maneira conjunta:

> Muitas vezes, as práticas educativas que acontecem paralelamente à educação escolar, desenvolvidas por grupos culturais, ONGS, movimentos e grupos juvenis precisam ser consideradas pelos educadores escolares como legitimas e formadoras. (GOMES, 2003, p. 170)

Dessa forma podemos perceber que os movimentos sociais são importantes nesse processo de construção de identidade no interior das escolas, mas só passa a ser quando a escola se dispõe a olhar para esse setor. Essa disposição de olhar aconteceu com a escola pesquisada O Pequeno Príncipe – PP -, onde constou com o olhar mais minucioso de duas professoras que construíram um projeto educacional para ser aplicado por toda escola. O projeto intitulado Quem Sou: Raízes e Descobertas, surgiu mais precisamente para discutir as relações étnico raciais e para homenagear alunos negros que por violência policial morreram muito jovens - aqui já podemos perceber a relação estado, policia e racismo na construção da nossa sociedade - O projeto visa a construção de debates em salas de aula e construção de uma apresentação artística sobre o tema estudado, as professoras utilizam como norte os livros da autora Carolina Maria de Jesus, que se conecta coma a realidade de inúmeros estudantes pobres, negros e com um pé inicial na

carreira da escrita, essa identificação é proposital para chamar atenção dos alunos para a realidades latente que permeia a construção da sociedade.

Para a realização desse projeto educacional, as professoras em conjunto com a escola, convidaram o núcleo de ensino, pesquisa e extensão em relações étnico-raciais, movimento e educação para contribuir no processo de preparação de alunos e professores, assim como contou com a participação de movimentos negros e sociais para construírem oficinas e desenvolverem com os educandos.

Essa Estratégia utilizada pela escola PP e pelas professoras da educação básica vai de acordo com as orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais[1], apresentada pela SECAD em 2006 argumentando que:

> Podemos identificar, nos componentes da prática educativa voltada para uma educação antirracista, algumas características que são fundamentais e poderão orientar a atuação no cotidiano escolar. com o objetivo de contribuir para essa reflexão, procuramos apresenta-los de forma esquemática no quadro a seguir. além das características acima listadas, solicitamos atenção para alguns aspectos poderão fortalecer o propósito de construir uma metodologia positiva de tratamento pedagógico da diversidade racial levando em conta a dignidade do povo negro e consequentemente de toda a população brasileira:
>
> - A construção de um ambiente escolar que favoreçam a formação sistemática da comunidade sobre a diversidade étnico-racial, a partir da própria comunidade, considerando a contribuição que esta pode dar ao currículo escolar;
> - O estabelecimento de canais de comunicação com troca de experiências com os movimentos negros, com os grupos sociais e culturais da comunidade, possibilitando diálogos efetivos.

Percebe-se que a construção de estratégias para a construção de uma educação das relações étnico-raciais é possível e necessária no contexto atual, onde o racismo se evidencia e jorra na escola.

Todavia alguns cuidados são necessários para a construção dessa educação antirracista, Tomas Tadeu nos alerta para uma preocupação pertinentes sobre as dificuldades que a escola tem em construir um currículo que de fato contribua para o questionamento das diferenças e logo para a construção da identidade, o que parece a ele e a nós é que a escola muitas vezes se esconde com a capa da ideia de respeito a toda a diversidade e nessa diversidade acaba por omitir as diferenças e as complexidades que a identidade de cada sujeito possui, o que ele nos aponta é que isso pode contribuir mais a manutenção do racismo, e ocultar as necessidades de construção e confrontos que existem no cotidiano escolar.

[1] as orientações e ações para a educação das relações étnico raciais foi publicada em 2006 e pode ser acessada em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf

Essa preocupação apontada por Tomás Tadeu nos faz refletir sobre a importância de construir um currículo preocupado em levantar essas questões na sala de aula, pois e na escola que a construção, desconstrução e reconstrução de identidade se evidenciam. Para compreender a construção de currículo nesse processo de construção de identidade, Gomes (2012) aponta o desafio de descolonizar o currículo escolar. Assim:

> Descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação escolar. Muito já denunciamos sobre a rigidez das grades curriculares, o empobrecimento do caráter conteudista dos currículos, a necessidade de diálogo entre escola, currículo e realidade social, a necessidade de formar professores e professoras reflexivos e sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos. (GOMES, 2012, p. 102)

A autora nos alerta sobre a importante tarefa de construir um novo currículo capaz de extinguir as diversidades existentes no espaço escolar, e vai além, ao nos apontar que muitas vezes a ausência desse debate em sala de aula se dá como mais uma forma de racismo. Não é somente a falta de formação dos professores, isso porque ao trabalhar temas tão complexos, haverá embates e discussões que poderá gerar problemas que o professor não quer se envolver. Nesse caso opta em evitar. Ao evitar, também evita um processo de ampliação de construção do saber, quando silencia um debate como as questões étnico-raciais. Gomes (2012) ainda ressalta a necessidade em se romper com os paradigmas de medo e silenciamento dentro da sala de aula em relação à aplicação da Lei 10.639/03, e nos mostra que é importante o processo de escuta, quando diz que:

> a mudança estrutural proposta por essa legislação abre caminhos para a construção de uma educação anti-racista que acarreta uma ruptura epistemológica e curricular, na medida em que torna público e legítimo o “falar” sobre a questão afro-brasileira e africana. Mas não é qualquer tipo de fala. É a fala pautada no diálogo intercultural. E não é qualquer diálogo intercultural. É aquele que se propõe ser emancipatório no interior da escola, ou seja, que pressupõe e considera a existência de um “outro”, conquanto sujeito ativo e concreto, com quem se fala e de quem se fala. E nesse sentido, incorpora conflitos, tensões e divergências. Não há nenhuma “harmonia” e nem “quietude” e tampouco “passividade” quando encaramos, de fato, que as diferentes culturas e os sujeitos que as produzem devem ter o direito de dialogar e interferir na produção de novos projetos curriculares, educativos e de sociedade. Esse “outro” deverá ter o direito à livre expressão da sua fala e de suas opiniões. Tudo isso diz respeito ao reconhecimento da nossa igualdade enquanto seres humanos e sujeitos de direitos e da nossa diferença como sujeitos singulares em gênero, raça, idade, nível socioeconômico e tantos outros. Refere-se também aos conflitos, choques geracionais e entendimento das situações-limite vivenciadas pelos estudantes das nossas escolas, sobretudo aquelas voltadas para os segmentos empobrecidos da nossa população. (GOMES, 2012, p.105)

Essa construção de um espaço educacional onde é possível falar e ser ouvido constitui um dos melhores saberes africano a ser lembrado, o de saber ouvir. Esse processo de escuta contribui para a construção de uma prática que pode, em primeiro lugar, receber as demandas e questionamentos das crianças e adolescente e depois construir estratégias para intervir da melhor forma possível, garantindo o direito de expressão de cada aluno.

Esse trabalho, por sua vez, contribui para a reafirmação das subjetividades. A partir do momento que estas não são tolidas o sujeito consegue exercer de maneira segura e a construir sem medo. É importante também lançar um olhar para os professores com certo afeto, e entender que é o professor da sala de aula que lida com os conflitos existentes na família e na sociedade, e que muitas vezes recai a escola o compromisso de construir valores e ditar as nuances da sociedade, o professor acaba se sobrecarregando nesse processo e por isso que é tão importante à utilização da Lei 10.639/03, de maneira interdisciplinar, a temática tem que caminhar nas principais matérias e construir uma rede de apoio para ser efetivada com sucesso.

Gerar transformações na vida do aluno, do professor, da escola e, por conseguinte da sociedade. Entendemos que as mudanças não serão vistas logo de imediato, mas poderão ser percebidas posteriormente. Além disso, é necessário entender que se de um lado existe um professor desmotivado, mas que se desafia a construir um currículo multicultural, que se propõe a ser antirracista, de outro existe uma criança e um adolescente que vive uma vida de negações e que teme estes conteúdos. Diante disso, muito nos importa a forma como é aplicada o conteúdo da historia e cultura afro-brasileira para esses sujeitos, pois será esse modo que determinara a construção de identidade daquele aluno.

Quando nos remetemos ao PPP como exemplo de aplicação da lei 10.639 e o dialogo construído com outros setores que exercem uma função educacional, apresentando, também outras possibilidades de atividades para o desenvolvimento do conteúdo das relações étnico raciais. Ressalto a utilização das artes e, sobretudo da literatura como um importante instrumento de dar voz a essa temática tão complexa e construir um processo de identificação e representação com os alunos.

As nossas DCNs das relações étnico-raciais nos conduzem para um pratica diária na sala de aula que favorece a construção de inúmeras possibilidades de

atuação e que abre os olhos para se tomar cuidado com a manutenção do racismo, mostrando-nos os desafios também na formação de professores.

De acordo com as Diretrizes Nacionais das relações étnico raciais de

> Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer a mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. Isto não pode ficar reduzido a palavras e a raciocínios desvinculados da experiência de ser inferiorizados vivida pelos negros, tampouco das baixas classificações que lhe são atribuídas nas escalas de desigualdades sociais, econômicas, educativas e políticas. Diálogo com estudiosos que analisam, criticam estas realidades e fazem propostas, bem como com grupos do Movimento Negro, presentes nas diferentes regiões e Estados, assim como em inúmeras cidades, são imprescindíveis para que se vençam discrepâncias entre o que se sabe e a realidade, se compreendam concepções e ações, uns dos outros, se elabore projeto comum de combate ao racismo e a discriminações. (Brasil, 2004, p. 15)

O caminho da discussão das relações étnico raciais não é o mais fácil, mas é necessário dentre as inúmeras chamadas que vemos aqui do processo de marginalização da população negra, a relação da escola com a construção de identidade negra é importantíssima e é ali que se dão os primeiros passos para a criança ou adolescente se enxergue no mundo, quando o PP utiliza como tema de seu projeto educacional: Quem Sou Eu: Raízes E Descobertas, nos aponta todos os elementos já abordados nessa sessão.

1 – A busca pela construção de uma identidade pessoal e única de cada individuo.

2 – O saber a história da formação da sociedade, permitindo assim a identificação das raízes culturais de cada individuo, e na tentativa da construção de uma identidade coletiva.

3 – descobertas nos põe a tona sobre a identidade enquanto algo inacabado, onde esta em constate transformação. Descobertas, abre os caminhos para que as crianças e adolescentes se descubram quanto protagonistas do mundo em que vivem, os coloca como sujeito ação.

Como Paulo Freire diz: Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além.

III SESSÃO - SEMENTES NEGRAS: MULTIPLICANDO SUBJETIVIDADES PARA ESPERANÇAR

Todas as manhãs

Todas as manhãs acoito sonhos
e acalento entre a unha e a carne
uma agudíssima dor.
Todas as manhãs tenho os punhos
sangrando e dormentes
tal é a minha lida
cavando, cavando torrões de terra,
até lá, onde os homens enterram
a esperança roubada de outros homens.

Todas as manhãs junto ao nascente dia
ouço a minha voz-banzo,
âncora dos navios de nossa memória.
E acredito, acredito sim
que os nossos sonhos protegidos
pelos lençóis da noite
ao se abrirem um a um
no varal de um novo tempo
escorrem as nossas lágrimas
fertilizando toda a terra
onde negras sementes resistem
reamanhecendo esperanças em nós.
– Conceição Evaristo, no livro “Poemas da recordação e outros movimentos”. (EVARISTO, 2008, p. 13)

4.1 A cabeça pensa onde os pés pisam

O processo dessa pesquisa é coletivo, parte de um conjunto de pessoas que inspiram e conduzem os processos diários de transformação da sociedade, mas tem forte influência do “eu”, enquanto sujeito que busca a reafirmação de protagonista. GRADA KILOMBA (2019) fala-nos sobre a necessidade de se refletir sobre quem fala? Quem escreve? A autora enfatiza a importância de escrever e transformar a escrita para modificar a história, nestas afirmações defende a utilização da escrita

enquanto ferramenta de transformação e construção de uma nova história, e que os sujeitos que se apropriam dessa escrita, tonam-se protagonistas da história, descontruindo, assim, o olhar colonial.

Grada Kilomba escritora, psicóloga e teórica sobre o racismo e os elementos pós-coloniais (2019) fala-nos sobre a radicalidade de escrever argumentando que:

> “Eu sou quem descreve minha própria história e não quem é descrita. escrever, portanto emerge como um ato político [...] enquanto escrevo me torna narrador e escritor da minha própria realidade, A autora e a autoridade da minha própria história. nesse sentido, é me torna uma posição absoluta que o projeto Colonial predeterminou.” (Grada, 2019, p. 28).

Desse modo percebe-se a urgência em nos reconhecermos como sujeitos de nossa própria história. Partindo da frase do escritor e educador Paulo Freire que inicia este tópico “a cabeça pensa onde os pés pisam” sentiu-se a necessidade de apresentar a trajetória da pesquisadora, que pode ser lido na apresentação desta pesquisa e que possui grande relevância na condução desta pesquisa, compreendendo a importância de romper com os paradigmas da literatura colonial. A partir de agora, vou construir essa pesquisa em primeira pessoa do singular.

Nota-se que:

> Todas as três formas de desrespeito – político, social e individual - tem grande importância na vida das pessoas negras nas sociedades dominadas por brancas, por que tornam a nossa realidade real. Além disso, elas são reproduzidas nos discursos acadêmicos através de epistemologias e métodos que colocam as vozes de grupos marginalizados como secundários, privando-nos do direito à auto representação. Isso, decerto, reforça a importância da realização de pesquisas centradas em sujeitos, as assim chamadas *study up* (Lofland e Lofland, 1984; citado Essed,1991). (Grada, 2019, p. 82)

Todas as formas de dominação e exploração deixam inúmeras marcas na vida e formação dos sujeitos negros, os processos de silenciamento e violações são constantes e a forma de buscar romper tais silêncios e violências é o aprofundamento da história, a partir do olhar do sujeito negro, que sofre e resiste às ações do processo de colonização de sua imagem, estória, e escrivivências.

Para além da minha trajetória, a trajetória da escola no desenvolvimento de atividades e ações sobre as relações étnico-raciais são imprescindíveis para a compreensão do desenrolar desta pesquisa. É importante apresentar também o chão que pisei na escola, por isso faço um apontamento dos elementos mais significativos sobre a escola o Pequeno Príncipe, bem como um diálogo com as

falas das professoras que entrevistei para a pesquisa, pois é preciso conhecer o chão em que os sujeitos desta pesquisa (as crianças negras) pisam.

Na sequência encontram-se fotos que foram realizadas durante a formação de professores na escola o pequeno, onde foi possível inicio a pesquisa.

IMAGEM 1 e 2: Formação para os professores da escola o Pequeno Príncipe

Fonte: Arquivo pessoal, junho de 2018.

Foi a partir desse debate que eu desenvolvi três oficinas com os alunos do 7º ano e 8º ano, com o objetivo de associar as temáticas trabalhadas em sala de aula com a valorização da cultura e valores da diáspora africana, as oficinas foram: Oficina de Abayomi, autoestima e poesia, as quais serão apresentadas no decorrer desse capitulo.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental O Pequeno Príncipe – aqui chamada desde o início da pesquisa de PP - situada no município de Marabá no estado Pará, é localizada na folha 32 (entende-se rua) central e marcada pela presença de grandes casarões, no entanto a escola atende o alunado da folha 33, folha isolada de difícil acesso ao centro, com histórico de violência, mas com uma história pioneira na construção da cidade, maioria da sua população é negra e pobre. É importante trazer essas inferências sobre a folha 33, pois nossos pesquisados refletem seu local de origem.

O PP já realiza desde 2010 discussões sobre as questões raciais, promovendo a crítica sobre a visão do negro e do índio na sociedade e na escola. Essa discussão ganhou novos patamares com a participação mais ampla de duas professoras graduadas em história, e com especialização e mestrado na história e cultura afro-brasileira e africana. Reconhecendo que na escola havia a presença de sujeitos e sujeitas com outras culturas, as professoras buscaram meios de inserí-los nos debates da sala, visto que era possível enxergar certo incomodo e pouca participação de meninos e meninas negras dentro da escola.

Com o propósito de questionar os estereótipos raciais as professoras idealizaram o projeto: **Quem sou eu?** O qual recebe diferentes substitutos a cada ano, dependendo da realidade e objetivo a serem trabalhados, o ano de 2018 de minha análise, recebeu como título: Quem Sou Eu? Discutindo a Identidade. Com o objetivo de incentivar a discussão racial, e valorizar a cultura e história afro-brasileira, africana e indígena, assim como contribuir no processo de construção de identidade das crianças da escola. Buscando contribuições para a formulação desse projeto, chegaram ao N’umbuntu constituindo-se assim uma parceria para a formação de professores e contribuição para formulação de metodologias de ensino que abordassem as questões raciais.

Em entrevista sobre a formação de professores/as com a professora Edileuza, ela enfatiza a influência do N’umbuntu nesse processo afirmando que:

> “O primeiro ponto é a formação dos professores, é importante saberem sobre o tema étnico-racial e como é feito o trabalha o interdisciplinar, por exemplo, nosso planejamento de história, ele é diferenciado, porque tivemos o apoio do N’UMBUNTU e eu vou na influência da Raimunda de discutir essa temática, então ele é diferenciado e nós enquanto professores achamos isso importante, esse debate é importante pro nossos alunos, e já tivemos algumas formações, poucas, mas tivemos então nosso currículo contempla um pouco essas temáticas, a nossa discussão na sala de aula, está ligada a esse currículo, o que acontece é que nossos professores tinham que ter a formação, porque isso esta ligada a construção do currículo, a construção do planejamento, não tem como construir um planejamento interdisciplinar se eu não sei o que é isso, se eu enquanto professora não sei a importância desse trabalho interdisciplinar e não tem como eu trabalhar as relações das questões étnico-raciais se eu não sei ou se eu não considero a importância dessa formação, ou se nem tenho condições intelectuais para trabalhar essa temática.” (Edileuza Andrade, 2018.)

Um dos pontos mais lembrados pela professora é a necessidade da formação para a equipe de professores, saber lidar com a temática das questões raciais, pode-se perceber certa angustia, pois a análise geral feita admite a falta formação nessa área. Nas palavras da profa. Raimunda:

> com a ajuda do N'UMBUNTU, nessas experiências que a gente desenvolveu no ano de 2016, se eu não 'tiver' enganada, a gente conseguiu fazer essa pequena mudança nos conteúdos e tentar não só fazer uma mudança concreta, mas olhar o planejamento com um olhar mais amplo, um olhar menos eurocêntrico. (Raimunda Fontes, 2018).

A professora Raimunda por sua vez nos fala sobre a importância do N’umbuntu na trajetória escolar e incentivo a transformação das ideias enraizadas nos planos de aula.

Embora a escola faça anualmente o exercício da realização desse projeto, ainda é possível perceber alguns descaminhos que prejudicam na sistematização de um ensino antirracista. Infelizmente como resultado de uma política de branqueamento, nossa sociedade não reconhece a existência do racismo e isso se reflete na construção de currículo das licenciaturas, diante disso, professores conscientes ou não, que ocultam toda exploração decorrente do período escravagista no Brasil alimentam nos estudantes padrões de beleza, inteligência, cultura e religião padronizadas pela elite branca. Nota-se que a negação do racismo, impede que esse debate seja aplicado cotidianamente. Alguns trechos das entrevistas com as professoras nos revelam as sutis aparições do racismo no ambiente escolar, tanto no conjunto dos discentes quanto docentes, tais como: “É mais difícil trabalhar com os professores, na maioria das vezes o professor reproduz sim o estereótipo, o racismo, seja na sala de aula, seja nos corredores”. (Edileuza)

E ao ser indagada sobre a presença dos estereótipos na escola, ela fala que:

> A colonização colocou o africano, o negro, o descente do africano, como o feio do cabelo, rosto feio, o corpo feio, o negro não é intelectual, então na escola esse estereótipo de que o branco é bonito e o negro é feio a gente consegue quebrar isso, conseguimos avançar, porque trabalha a questão da identidade, esses alunos descendentes de africanos vão se empoderando, por exemplo, a Raimunda é uma mulher negra extremamente empoderada assim como alunas negras empoderadas e elas conseguem muito bem quebrar isso. Quando elas se empoderam, trás força aos alunos. Se eu sou negra e aliso meu cabelo, eu fortaleço a ideia de que a estética bonita é a do branco, mas se eu tenho meu cabelo natural eu quebro isso, a capacidade intelectual também é quebrada, nossas melhores alunas são negras. Na sociedade não é fácil ser negro, ser negra e mulher principalmente então temos que estudar. Os estereótipos são fortíssimos, e a quebra ocorre lentamente. Nos corredores acontece muito a reprodução dos estereótipos, dos professores também. Acontecem muitas discussões na sala dos professores, envolvendo racismo, e a gente tenta combater, mas não avançamos muito. (Edileuza Andrade, 2018)

Esses estereótipos os quais a professora Edileuza nos fala é impregnada na nossa sociedade de maneira muito violenta, essa introjeção reduz a autoestima das crianças negras e impede que estas construam suas identidades. Outro ponto importante na fala da professora Edileuza é a urgência em se ter representatividade nos espaços educacionais, é através da presença de professores negros e negras que os alunos conseguem enxergar novas referências, o processo de empoderamento, empoderar-se do discurso contra o racismo e aceitação que podemos avançar na quebra destes estereótipos, seja com os alunos, seja com os professores.

A professora Raimunda externaliza a dificuldade de trabalhar essa temática no corpo docente, e a necessidade de romper com os estereótipos para que os alunos possam usufruir do ambiente educacional de uma maneira livre, e ressalta a relação do cabelo afro com a construção de identidade no rompimento de estereótipos negativos atribuídos as populações negras.

> Eu acho que é um desafio essa questão trabalhar essas temáticas que a gente tá mencionando no corpo docente. Eu acho que uma maneira maravilhosa de quebrar estereótipos é no caso se você é negra e esta numa escola racista, solta o cabelo e ande pelos corredores, faz igual à Raissa deixa o cabelo bem grande... E eu lembro que quando a Raissa soltava o cabelo eu ouvia comentários de gente que na era aluno dizendo: meu Deus porque que não prende ou passa um creme. A Raissa andando naquela escola com aquele cabelo dela ate na folha 33 a Raissa causa, ela vai à padaria de manhã e ela faz questão de deixar o dela bem Black, e ela é alta quer dizer ela não é discreta e ela não passa despercebida nem se ela quisesse, e ainda ela solta o cabelo e pronto menina, eu só vejo povo

> olhando. Então ela na escola eu acho que ela já quebra. E então a minha estratégia a minha pobre estratégia foi dizer eu não vou mais trançar meu cabelo. Ai eu disse não vou trançar tão cedo. (Raimunda Fontes, 2018)

A mesma professora Raimunda, nos alerta sobre a necessidade dos professores construírem suas próprias identidades, para então contribuir no processo de construção das identidades dos alunos, e me leva a compreender a identidade como uma relação de dialética.

> Eu sei que a minha fala pode parecer assim uma fala um pouco arrogante, mas é porque a gente percebe que ainda é essa dificuldade na construção da auto identidade do professor, e como eu já falei algumas vezes aqui, se a gente não começar a trabalhar nossa identidade fica difícil à gente trabalhar a identidade do outro. Então se eu não consigo, se eu não discuto a identidade, se não problematizo, se eu não tento entender, eu não vou poder falar da identidade do estudante, porque é como eu falei, quando eu trabalho a identidade do estudante eu também 'tô' trabalhando a minha identidade, a gente 'ta' fazendo um trabalho coletivo, não é eu só que 'tô' ensinando, passando a informação 'pro' estudante, eu 'tô' também, aprendendo. (Raimunda Fontes, 2018)

Todas essas falas partem de protagonistas que constroem em seu cotidiano escolar a temática das relações étnico-raciais, estas passam por inúmeros dilemas, mas os enfrentam ora com angustia ora como desafio a fim de contribuir para o desvelamento do racismo e a construção de identidade das crianças da escola, a partir de suas falas sobre identidade e formação de professores pode-se apresentar algumas considerações de Munanga (2012), que conceitua identidades negras e como esse conceito é emblemático para a demarcação do negro. Gomes (2003 e 2005) ao fazer uma pesquisa etnográfica em espaços não escolares discutindo a identidade negra e formação de professores aponta a importância deles. Em outra pesquisa discorre sobre o papel do professor na construção de uma educação antirracista. Isso demonstra que para construir uma identidade negra torna-se necessário desconstruir a identidade do branqueamento.

Cada escola possui sua singularidade, assim como o seu corpo discente e equipe técnica, mas posso dizer que o PP é uma das muitas escolas que compreendem a necessidade de construir conteúdos que inserem os alunos negros e indígenas no centro das discussões, não enquanto objetos de pesquisa, mas enquanto sujeitos com o poder de transformar a sua realidade. Embora seja colocada a obrigatoriedade lei 10.639/03 é notário as dificuldades em sua aplicação no interior das escolas. Por isso o desenvolvimento de novas metodologias para sua

aplicação é potência e insurgência nesse momento em que a valorização da pessoa negra é tão rara a nossa sociedade.

4.2 Sementes Negras (Sujeitos e Metodologias)

A pesquisa qualitativa é o tipo de pesquisa que consegue melhor tratar sobre os emblemas das pesquisas no campo da educação, quando se trata de questões raciais que são enraizados á que se entender os fatores sociais que levam a recorrência do racismo na sociedade, fatores muitas vezes que transcendem dados quantitativos, embora importantes quando se trata de verificar os números de negros em determinada camada social, nível de ensino ou perspectiva de vida.

Tentou-se aqui buscar um olhar diferenciado acerca do protagonismo das crianças, a partir das ideias de Mattos (2011).

> Na microanálise etnográfica existe uma preocupação com o interesse dos atores sociais na escolha de uma determinada forma de comportamento e qual o significado desta escolha. Portanto, enfatizar-se o significado da interação como um todo, a relação entre a cena imediata da interação social de um grupo e o significado do fato social ocorrido em grandes contextos culturais, por exemplo: cultura da sala de aula, da escola, das escolas em geral. (ERICKSON, 1992 apud Mattos, 2011, p. 56).

Kramer contribui para as significações sobre a pesquisa etnográfica na educação

> A pesquisa etnográfica fornece estratégias e procedimentos metodológicos, influenciando estudos do cotidiano escolar, da prática pedagógica e das interações entre as crianças e os adultos. Aliadas à sociologia e à história, a antropologia e a pesquisa etnográfica – exercício de encontro com o outro e, portanto, consigo mesmo – combinam um cuidadoso mergulho crítico no trabalho de campo com um severo questionamento quanto ao processo de pesquisar. Indagando-se sobre o que torna humano o ser humano, a antropologia traz a diversidade à ordem do dia e mostra como diversidade e pluralidade constituem a singularidade dos seres humanos, embora até hoje continuem sendo engendradas formas sutis ou explícitas de tentar eliminar as diferenças. (Kramer, 2002, p. 44)

Entende-se então que a etnografia vem para melhor compreender os processos de construção do sujeito, como essa pesquisa refere-se à valorização de identidades é quase impossível percebê-las sem antes observar e tentar nos situar no mundo do pesquisado. Ou seja, esta pesquisa é qualitativa com uma tendência etnográfica, visando melhor definir relações sociais e emocionais.

A pesquisa teve longa duração, porém se ateve a arquivos e atividades desenvolvidas durante o ano de 2018, seguindo uma metodologia de trabalho ligada

ao projeto da escola, inicialmente houve momentos de formação com os professores da escola sobre a questão racial e posteriormente o acompanhamento mais direto com duas professoras Edileuza e Raimunda, aconteceu observações em sala de aula, reuniões com as professoras sobre necessidades e perfil dos educandos e leituras sobre questões raciais, também se utilizou outras formas de formação como cine debate.

Esse trabalho mais direto com as professoras gerou três oficinas, aplicada em duas turmas diferentes atingindo cerca de 60 alunos, cada oficina teve um objetivo e sua metodologia de trabalho, vou trazer alguns elementos dessas oficinas, pois contribuíram para a construção de identidade das crianças, resolvi trazer os nomes das crianças que participaram das oficinas, pois as compreendo enquanto sujeitos, e acredito na infância enquanto uma categoria social capaz de contribuir nas formulações da sociedade, e entendo que não trazer seus nomes seria prejudicial para o processo de construção de suas identidades. A autora Kramer (2002) nos ajuda a entender a importância de dar voz às crianças nesse processo de pesquisa.

> Temos feito no Brasil, nos últimos vinte anos, um sério esforço para consolidar uma visão da criança como cidadã, sujeito criativo, indivíduo social, produtora da cultura e da história, ao mesmo tempo em que é produzida na história e na cultura que lhe são contemporâneas. (Kramer, 2002, p. 43).

Essa visão enquanto sujeito já apresentada no decorrer desta pesquisa, que trata o sujeito negro, como ser imerso em uma realidade sócio histórica, traduz também as ideias de infância e por isso optei por trazer seus nomes e fotos, visto que a pesquisa não traz nenhum tipo de malefício para a escola ou para a criança, pelo contrário, nos mostra o esforço da escola pesquisada em tratar das questões étnico-raciais e evidencia a criança negra, trazendo a ela a oportunidade de ser vista e ouvida das diversas formas aqui apresentadas, na busca de trazer suas experiências da maneira mais limpa e dialética possível. Para isso fundamenta-se em Sônia Kramer, segundo a qual, uma vez que:

> Recusamos alternativas tais como usar números, mencionar as crianças pelas iniciais ou as primeiras letras do seu nome, pois isso negava a sua condição de sujeitos, desconsiderava a sua identidade, simplesmente apagava quem eram e as relegava a um anonimato incoerente com o referencial teórico que orientava a pesquisa. Por outro lado, aquelas alternativas comprometeriam a forma da escrita do trabalho, por prejudicar a narração das histórias e interferir na transcrição e força dos diálogos entre as crianças (Kramer, 2002, p.46).

- Oficina de Abayomi

Abayomi é uma boneca negra, que traz em sua história o resgaste de toda ancestralidade negra.

> Quando os negros vieram da África para o Brasil como escravos nos navios negreiros, atravessaram o Oceano Atlântico numa viagem muito difícil, com fome, sede, calor, medo e esperança. Algumas viagens duravam meses. As crianças choravam assustadas, porque viam a dor e o desespero dos adultos. As mães negras, então, para acalentar suas crianças, rasgavam com as próprias mãos tiras de tecidos de suas saias e faziam bonecas para os pequenos brincarem. Estas bonecas eram feiras com cinco nós e enquanto dava cada nó no tecido desejava coisas boas para a sua criança, pois sabiam que poderiam ser separadas quando chegassem no Brasil. A boneca era feita do tamanho que coubesse na palma da mão da criança, assim não seria retirada da mesma pelos capatazes. Conta os historiadores que muitos irmãos se reencontraram devido ao tecido das bonecas que eram iguais. Essas bonecas são chamadas de ABAYOMI.
> A palavra ABAYOMI, do ioruba, significa aquele que traz felicidade e alegria. Quer dizer encontro precioso: abay = encontro e omi = precioso. (Pereira, 2017).

Essa atividade foi aplicada a turma do 7º ano do ensino fundamental, envolvendo 20 alunos, tendo como objetivo resgatar os valores ancestrais da África, assim como trazer de uma maneira doce e didática, a história dura dos navios negreiros. A construção da Abayomi é bastante lúdica e pode despertar inúmeros sentimentos, assim com resgatar diferentes estórias, todavia é necessário explicar que a boneca foi inventada por uma educadora popular e negra Lena Martins no ápice do movimento negro e das reivindicações ecológicas.

Para a realização dessa oficina o professor teve que promover uma roda de conversa sobre a escravidão no Brasil, somente depois foi possível realizar a oficina. A oficina se iniciou com um espaço bem ornamentado buscando chamar a atenção dos alunos e depois com a contação da história da Abayomi de forma lúdica, como segue na referência de Pereira (2017). É importante tentar fazer algumas associações com os elementos que eles já conhecem sobre o navio negreiro e o período da escravidão. Após isso foi necessário apresentar os materiais: 2 tamanhos de fio de malha, preta 20cm e 10cm; 1 tecido de chita cortado em formato de circulo de 15cm de diâmetro, 10cm de fita de cetim e uma tesoura. Como se tratava de crianças entre 10 e 12 anos optou-se por dar todo material pré-cortado, para facilitar o manuseio.

Para a montagem na Abayomi seguiu-se os passos

1. Dobrar a malha maior ao meio e dar três nós, um na dobra e um em cada ponta da malha (dois).
2. Pegar a malha menor e dar um nó em cada ponta e unir com a malha maior fazendo um nó bem no meio.

3. Dobrar o círculo de chita 2 vezes, transformando o círculo em um triangulo, corte a pontinha e faça dois cortes na lateral de cada extremidade da dobra onde os braços irão se encaixar. Fazendo assim um vestido.
4. Vestir a Abayomi com o vestido e passe a fita de cetim abaixo dos braços da boneca.

IMAGEM 3: Momento que explico a construção dos nós para a produção da Abayomi

Fonte: Arquivo pessoal, setembro de 2018.

IMAGEM 4: Abayomi sobre a mesa, resultado da oficina

Fonte: Arquivo pessoal, setembro de 2018

Os alunos não tiveram dificuldades para desenvolver a oficina, e por fim foi explicado a eles, o significado de dar uma Abayomi como presente, onde você deseja a proteção e o reencontro do outro com suas raízes. Algumas Abayomi foram expostas no dia da culminância do projeto e as outras foram levadas para casa ou dadas para algumas professoras.

- Oficina de autoestima

A oficina de autoestima tinha como objetivo, discutir e trazer novas reinterpretações sobre a beleza das meninas negras e como estas se enxergavam, foi aplicada para 10 meninas negras, do 7º ao 9º ano. Essa oficina partiu do olhar direcionado que as professoras Edileuza e Raimunda tiveram em relação à desvalorização da beleza negra e também em relação ao cuidado com o corpo e cabelo negro.

Para a realização dessa oficina foi necessário: papel A4, canetas coloridas, caixinha de som e uma sala ampla.

É importante construir um espaço acolhedor para receber as meninas, por isso usou-se alguns tecidos para construir uma grande roda no chão e dispus os materiais da oficina pelo chão no centro do circulo. Após a acolhida seguiu–se os seguintes passos para a realização da oficina de autoestima:

1. Fazer alguns alongamentos, para que possam relaxar um pouco e desenvolvera a dinâmica da viagem, onde é solicitado as meninas negras que viagem em seus imaginários, para um lugar bem bonito, e busquem se encontrar com elas mesmas em um futuro não muito distante.
2. Após essa dinâmica, pede-se para que partilhem o que visualizaram em sua viagem.
3. Apresentar as diversas possibilidades e perspectivas que existem para nós meninas negras. E apresentar diversas mulheres negras em diferentes profissões. Algumas mulheres famosas, o que atrai e chama a atenção das meninas.
4. Depois se entrega a cada uma delas um papel em branco e algumas canetas colorida e desenvolve-se a atividade de construindo a identidade: onde todas as meninas tinham que se desenhar e elencar cinco coisas que mais gostavam em si, no seu corpo, rosto e personalidade. E por fim escrevessem uma frase que as representassem.

5. No final, trocam-se as folhas e pede-se para cada menina ler o que estava escrito e dizer como se identificava com aquilo e tentassem adivinhar de quem era aquela identidade.

A oficina teve uma boa adesão muitas delas saíram de lá amigas, e me perguntando muitas coisas referentes ao cabelo, assim como externalizaram nas suas identidades o reconhecimento de sua beleza e seus cabelos crespos e cacheados.

IMAGEM 5: Atividades em circulo para a integração das meninas

Fonte: arquivo pessoal, setembro de 2018.

- Oficina de poesia

A oficina de poesia surgiu a partir da necessidade apontada pela professora Raimunda em as crianças se reconhecer enquanto sujeitos negros, incentivada pela autora Carolina Maria de Jesus que escreveu relatos do seu dia-a-dia em diários que posteriormente viraram grandes obras literárias, a professora buscou incentivar nos alunos do 7º ano a leitura, uma tarefa um tanto quanto difícil no mundo atual em que vivemos, onde computadores e celulares tomaram o espaço das histórias de roda e livros com ilustrações. Além disso, a maior tarefa era fazer com os educandos se identificassem enquanto negros, e não só pela realização do projeto da escola, mas porque eles se enxergam assim. Para um trabalho mais efetivo buscou-se escolher crianças negras que tinham autoestima baixa, e viviam construindo muros de

invisibilidades - não queriam aparecer-. Assim foram escolhidos oito alunos: Joelson, Lúcia, Pâmela, Maria Eduarda, Nayelle, M. Gabriely, Quauany, Kellen.

O primeiro momento da oficina foi de conhecer os alunos, mas também de apresentar a eles poesias negras, trabalhamos oito poesias, as quais foram lidas por todos os participantes da oficina, apresentadas de diversas formas: Vídeo, Impresso, áudio e etc... Mas todos os poemas foram lidos individualmente e coletivamente, após cada leitura era feita uma discussão acerca do conteúdo da poesia e se estes se enxergavam em algum momento nessas poesias. – todos os educandos gostam de ler diversos gêneros literários, o que ajudou na leitura dos poemas -. Foram lidas as seguintes poesias: Não desiste negra! Não desiste! de Mel Duarte; Consciência Negra da Cultura Mix ; Se tu tens consciência de Valter Alves da Silva; Me gritaram Negra de Victoria Santa Cruz; Vozes-Mulheres de Conceição Evaristo; Cabelos que negros de Oliveira Silveira; Um (A cor da pele) Adão Ventura; Identidade de Ruth Santana. Tais poesias foram escolhidas juntamente com a professora Raimunda. Não buscamos aqui qualificá-las em ideais ou não para a idade deles, buscamos trazer contextos similares com os dos educandos, abordando a questão da estética e história do povo negro.

A escrita foi o que mais motivou as crianças a participarem do projeto, inicialmente fez-se em parceria com a professora de artes Sônia uma oficina de Poesia, e a ideia era que cada um construiu-se um poema ou prosa sobre a sua identidade, sobre sua história a partir das leituras que haviam feito. Cada criança construiu sob o papel suas angústias e dúvidas sobre a identidade e sobre o ser negro, em dois encontros estava pronta sua poesia, meio envergonhados tiveram que ler um a um o seu poema alguns com voz baixinha, outros extremamente empolgados... Alguns não apresentaram poesia, preferiram o silêncio, mas como alguns escritores falam “o silêncio também diz muitas coisas”. Alguns timidamente falaram sobre a estética, sobre o medo da palavra negro e outro indo mais longe falaram sobre as marcas da escravidão. Algumas poesias chamaram mais atenção a prosa de Joelson que falava sobre a realidade dos meninos negros da rua em que mora, O poeminha da Pâmela que buscava na sonoridade a aceitação em ser afro-brasileira e o Poema de Nayelle que tinha tanta angústia e vontade que internamente as próprias palavras choravam junto com ela.

Joelson falava: Professora eu num teve uma vez que falei na frente, tô feliz.

Seu poema que tratava sobre a história de um jovem negro que era espancado na frente de um chafariz – símbolo da folha 33 em que mora- dentro da sua realidade quem espancou era um rapaz branco, no final do poema o menino acordava de um sonho e ao vivenciar seu dia, morre com um tiro. Embora Joelson quisesse falar sobre esperança, ele não poderia omitir a realidade das pessoas de sua rua, de jovens negros que morrem diariamente. Apesar de em sua escrita ainda insistirem os termos “moreno”, “mulato” Joelson ultrapassou os padrões, mostrou verdade e vivência. Apresentando alguns problemas de escrita, pude perceber o quão a escola ocupava um espaço de importância na vida de Joelson, para ele estar ali, era uma fuga, e antes da oficina a vida de Joelson era sentar e se calar, a poesia apresentou a ele a oportunidade de ser protagonista da sua trajetória escolar. Quando chamado de bonito, ele ficava sem graça, mas ficava feliz, na culminância do projeto ele disse: “tia, eu sou negro oh” e saiu animado.

Pâmela era uma menina calada, faltou alguns encontros, mas conduziu muito bem sua escrita, falando que nada mudaria o fato de ser da África, encontrou em si sua negritude, e tratou de assumir seus cabelos e seus traços. Pamela era a menina que não queria aparecer, mas certamente ela apareceu a cada frase de seu poema quando exclamava que o racismo não mudaria o fato dela ser negra... É muito difícil desconstruir tantas coisas na cabeça de uma criança ainda em fase de descobrimento e por isso seu texto também carregava algumas problemáticas, como tratar de si como parda, mas Pâmela ao ler sua poesia logo percebeu que não poderia omitir a cor, ela soltou seus cabelos cacheados no dia da culminância do projeto e sorriu quando todos falaram: “Sou da África e seu racismo não mudará isso”. A cada estrofe de seu poema essa frase se repetia, era como um mantra para que racista algum pudesse impedir de Pâmela ser quem é.

Nayelle é uma menina negra, que sobre violentamente com os padrões da sociedade. Tantas coisas me passaram na cabeça quando conheci Nayelle, que só queria o máximo possível a fazer se sentir bem nas oficinas de poesia. De todas as meninas, ela era a que possuía mais inseguranças e a mais observadora, seu poema foi finalizado nos últimos encontros, e ela tratava sobre ser mulher negra e se aceitar, ela falava do cabelo que as mulheres negras precisam soltar, mas seu cabelo era crespo e bruscamente alisado... Contradições do que ela queria, desejava e da forma como estava, porque será que Nayelle alisava o cabelo?

IMAGEM 6: Construção de poesia na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Pequeno Príncipe/2018.

Fonte: Arquivo Pessoal, outubro de 2018.

IMAGEM 7: Recital de poesia Culminância do projeto Quem sou eu? Discutindo identidade, onde os alunos recitaram suas poesias na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Pequeno Príncipe/2018

Fonte: arquivo pessoal, novembro de 2018.

4.3 As Descobertas de Ler Sentir e Fazer

O ano de 2018, foi o ano em que desenvolvi algumas oficinas na Escola PP, nesta pesquisa busquei priorizar a oficina de poesia. Pela simbologia que a poesia tem para mim e a importância que ela vem a ter para a construção da identidade negra. Todavia vou comentar sobre as três oficinas desenvolvidas em conjunto com as professoras Raimunda e Edileuza.

A oficina de Abayomi foi uma das oficinas mais lindas que realizei todos os alunos prestavam muita atenção em tudo que falava, e reproduziam o significado de Abayomi pelos corredores da escola, seja presenteando os professores e colegas, seja levando para casa aquela boneca tão significativa, com um valor tão humano e ancestral, o que mostrava uma profunda vontade de fazerem parte da história de construção da sociedade. Segurando aquele “encontro precioso” com sua ancestralidade, reconhecendo seu lugar de resistência na história de colonização do Brasil, na oficina de Abayomi foi possível transformar olhares. Ela cumpriu o papel de resgate da cultura e de elementos de resistência que dão sentido ao discurso de se reconhecer enquanto negritude.

Essa busca de reconhecimento enquanto negritude, conjunto de sujeitos coletivos é trazida por Munanga (2019) no decorrer dessa pesquisa, quando nos aponta a construção de uma categoria uniforme de identidade, a partir do processo da história de exploração em comum. Dessa forma, ao apresentar as crianças essas história dar-se a eles a chance de se verem enquanto grupo cheio de potências dentro da escola, visto que desde as oficinas ate a culminância do projeto Quem Sou Eu? Discutindo Identidades, os alunos negros são chamados a protagonizar suas histórias.

A oficina de autoestima é certamente a oficina que mais toca nas subjetividades da criança negra, embora entenda que a autoestima destruída não pode ser reconstruída a partir de uma única oficina, reconheço o seu papel de importância na vida das meninas negras que participaram. Elas que ocupam espaços de silenciamento e negações, onde possuem seus cabelos, corpos marcados pelo silenciamento, onde não podem ser livres, é extremamente importante terem um espaço de escuta e de representatividade, e na oficina foi um espaço para ser quem eram. Foi a partir dessa oficina que estas mesmas se despertaram e realizaram um desfile da beleza negra, expondo seus cabelos e seus risos. Com isso podemos resgatar as pesquisas de Nilma Lino Gomes, que fala

sobre a construção de identidade a partir do debate da estética, mas especificamente sobre a aceitação do cabelo afro, e logo a aceitação da identidade negra.

A oficina de poesia por sua vez tem um significado avassalador para mim, foi a partir da poesia que encontrei um lugar no mundo, que passei a me enxergar e talvez por isso tenha conduzido ela com maior emoção, a entendo como o elemento central pra a valorização e construção da identidade negra. A poesia afro-brasileira é potencia na construção de nova epistemologia que garanta a participação e a voz do sujeito negro como fundamental na resolução do problema histórico e estrutural do racismo. Foi a partir da oficina que me enxerguei nas vivências de cada criança negra, certamente porque o PP fez parte da minha vida escolar e porque a folha 33, de onde vem a maioria dos alunos, foi meu lugar de vivência por alguns anos. Ao passo que me enxerguei, busquei que as meninas e meninos se enxergassem no meu discurso de identidade, nessa etapa foi fundamental a minha irredutível afirmação quanto negra, valorizando elementos da cultura negra e instigando nos alunos a busca por isso também.

O título desse trabalho parte disso, da busca pela identidade negra a partir dos elementos Ler, Sentir e Fazer. Por muitas vezes perguntei-me o que me levou usar essas três palavras como título para esta pesquisa, e por fim acredito que tais palavras traduzem perfeitamente o processo de construção de identidade negra, a partir da discussão da aplicação da lei 10.639/03 na escola pública O Pequeno Príncipe. Relembro aqui que tratamos a identidade como algo inacabado que está em constante processo de construção e que sofre com as transformações do espaço social político e histórico. Estas identidades se fundem com as subjetividades dos sujeitos negros. A literatura afro-brasileira apontada aqui como mais que uma categoria literária, cumpre uma função social na visibilização das subjetividades negras.

Com isso classifico o Ler, como o início do caminho da construção de identidade, é na busca por leituras e autores negros que é possível perceber nossa própria realidade, a leitura é um ato político, Ela é capaz de dar novos significados a história e despertar novos olhares para a construção do novo, Foi por meio da leitura que podemos realizar a oficina de poesia, ler as poesias negras trouxe aos alunos perspectivas diferentes sobre a mesma história, assim como trouxe aos alunos peculiaridades da vida do sujeito negro que nem eles mesmos percebiam. O ler aqui

é o passo importante para a construção de uma educação antirracista e logo para a consolidação da lei 10.639/03. O processo de leitura também foi simbólico na formação de professores, pois contribuiu para o acesso e desmitificação de estereótipos enraizados nos currículos escolares.

O sentir é parte da identificação enquanto negro. Está ligada a construção de uma subjetividade que pode ser explorada e externalizada sem medo de sua existência, eu senti muito durante toda a pesquisa, assim como percebei que as diversas crianças negras sentiram também, as dores e dilemas da sua a formação de identidade, O sentir surge a partir das interpretações das poesias e textos que falam sobre os dilemas da negritude.

O Fazer, todavia parte da realidade da pratica, a utilização de oficinas como elemento de motivação e trabalho da construção de identidade, parte da ideia de que oficina é um espaço onde os alunos saem com resultados, ou seja a partir da oficina estes são levados a fazer, executar, determinadas ações, nesse processo de pesquisa na escola, e realização de oficinas, foi possível atingir positivamente diversos alunos que entravam na escola de um jeito e saiam totalmente diferentes, saiam com elementos materiais carregados da simbologia africana, ou saiam com a responsabilidade de contar sua própria história através de versos, assim como se viram muitas vezes com a tarefa de construírem sua própria identidade. Esse fazer é o elemento central na construção da identidade negra na escola, é através dele que mudamos na pratica o que vem sendo imposto a nós.

Reconheço que a valorização e construção da identidade negra não podem ser pontuais, deve ser diária, no entanto para além de buscar oportunizar descobertas para as crianças, criou-se uma relação com os professores que buscarão a partir da formação levantar dentro de suas possibilidades o debate racial. O objetivo principal no desenvolvimento das oficinas são garantir aos alunos e principalmente às crianças negras a oportunidade de serem colocadas como centro das discussões, enquanto sujeitos que possuem subjetividade e peculiaridade como qualquer outra criança. Os documentos nacionais que conduzem e embasam a lei 10,639, trata sobre a importância da autoestima na construção de identidade da criança negra.

> Segundo dados do Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil - RCNEI - (BRASIL, 1998), a auto estima que a criança vai desenvolvendo é, em grande parte, interiorização da estima que se tem por ela e da confiança da qual é alvo. Disto resulta a necessidade de o adulto confiar, acreditar e manifestar crença na capacidade de todas as crianças

> com as quais trabalha. A postura corporal, somada a outras linguagens do adulto, transmite informações às crianças, possibilitando formas particulares e significativas de estabelecer vínculos.
>
> Falar em autoestima das crianças. Significa compreender a singularidade de cada uma em seus aspectos corporais, culturais, étnico-raciais. As crianças possuem uma natureza singular que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Dependendo da forma como é entendida e tratada a questão da diversidade étnico-racial, as instituições podem auxiliar as crianças a valorizar sua cultura, seu corpo, seu jeito de ser ou pelo contrário, favorecer a discriminação quando silenciam diante da diversidade e da necessidade de realizar abordagens de forma positiva ou quando silenciam diante da realidade social que desvaloriza as características físicas das crianças negras. (SECAD, 2006, p. 45).

Nota-se que as orientações da SECAD publicadas em 2006, pode nos ajudar a compreender a importância de se trabalhar a autoestima da criança negra dentro da escola. Sabe-se que a escola é o espaço onde a criança passa grande parte da infância, e lá começam a surgir seus primeiros dilemas de construção de identidade. Por isso é necessário que os professores estejam preparados para lidar com as peculiares e subjetividade bem como desenvolver um ambiente de reflexões e questionamentos sobre o nosso lugar no mundo.

O processo de construção de identidade não é uma tarefa fácil, alguns dirão que não alcançaram a identidade mesmo estando na fase adulta. No entanto, Munanga, (2012) nos auxilia afirmando que a identidade racial não diz respeito somente às subjetividades da vida e de ser quem é, mas também de se reconhecer enquanto sujeito pertencente a um determinado grupo, e essa pertença acredito ser a mais complexa em se fazer nas crianças tendo em vista a visão inferiorizada do negro, a feiurização da estética negra e a fuga de tudo que é negro, esses estereótipos e tantos outros corroboram para manutenção de uma sociedade racista, em que uma raça se vê e se coloca superior a outra.

A quebra desse problema estrutural só poderá ser efetivada se todas as instituições passarem a construir uma política de combate ao racismo, isso certamente demora algum tempo, todavia a escola tem em suas mãos a licença para construir uma educação antirracista –licença essa concedida pela lei 10.639/03. Embora reconheça que a implementação da lei ainda possua seus entraves, através dela é possível constituir processos lentos de formação e mudança nos currículos escolares.

Se para o eu-lírica identidade o sentimento de pertença ocorreu a cada dia, a partir de seus descobrimentos, a identidade de cada criança poderá ser reconstruída

a partir da nossa prática em sala de aula, digo reconstruída, pois os valores, cultura africana e afro-brasileira reside em nós, basta um incentivo positivo para os poemas, os sons, as vozes... Ecoarem no mundo.

As crianças enquanto sujeitos de pesquisas demonstraram ser as sementes negras necessárias para o reamanhecer de esperanças, é através delas que teremos profissionais comprometidos com a construção de uma nova sociedade.

5 NOTAS DE ESPERANÇA

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise acerca da utilização da poesia negra em sala aula do ensino fundamental da escola Pequeno Príncipe. Além disso, permitiu uma pesquisa de campo para chegar a resultados mais pertinentes sobre a importância da poesia negra no processo de valorização da identidade das crianças negras, uma vez que a identidade racial faz parte da gama de conhecimentos que devem ser introduzidos na educação básica por garantia da lei 10.639/03.

De modo geral, a escola pesquisada apresenta uma discussão sobre as questões étnico-raciais, o que levou a parceria com o N'umbuntu que possibilitou a formação com os professores. Diante de dificuldades na metodologia para exposição da história e cultura afro-brasileira e africana na sala de aula, as oficinas com os alunos configuram-se como estratégias para o ensino das questões étnico-raciais. A maior problemática na exposição desses temas está ligada com a ideia de pertença dos alunos a determinado grupo racial, o que definimos aqui como identidade, a essa problemática recorremos à oficina de poesia para incentivar o autoconhecimento e valorização das histórias de vida de cada criança.

Ao final da oficina de poesia pode-se perceber que a introdução de uma literatura positiva do negro, que contasse a história dos afro-brasileiros a partir de outra perspectiva acarretou no empoderamento dos alunos do ensino fundamental, passando estes a se sentirem protagonistas das suas ações escolares e individuais, a se assumirem enquanto grupo social negro. Permitindo assim chegar ao objetivo de construção de identidade que tinham estas negadas no dia-a-dia da escola. Há uma necessidade urgente da população negra se construir um consenso de identificação, se identificar para além da cor da pele e características fenotípicas e deflagrar a unidade para a construção de uma sociedade antirracista. A observação, mapeamento dos perfis dos alunos contribuiu para a seleção de poesias que descrevesse similarmente suas realidades, o exercício de ler permitiu que as crianças conhecessem a literatura negra e grandes intelectuais negros ganhando assim para a vida referências e representatividade, o sentir a poesia conseguiu tocar as dúvidas das crianças e criou a possibilidade da quebra de barreiras internas que os impediam de assumirem sua identidade racial, o fazer a

poesia forneceu a escrita de um mundo e uma realidade vista pelos olhos deles o que significou contar seus segredos, dúvidas, certezas, medos e desejos.

Dada a importância do assunto, torna-se necessário construir estratégias que contribuam para a valorização da identidade negra, permitindo assim que as crianças negras construam sua identidade e elevem sua autoestima. Nesse sentido a poesia negra é mais um recurso que pode ser utilizado para se chegar a tais resultados, recurso esse que pode ser trabalhado de maneira interdisciplinar envolver todo grupo de professores da escola. Todavia para que a identidade das crianças negras permaneça em crescimento e construção é importante a escola assumir o papel de agente transformador na vida dessas crianças, os professores trabalharem em equipe, e as articulações entre universidades, movimentos sociais e escola se consolidarem para o fortalecimento dessas discussões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Ilze Arduini de. Discriminação Racial Em Sala De Aula. **Editora da Universidade Federal de Uberlândia - EDUFU**, [*s. l.*], p. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/19120. Acesso em: 11 nov. 2020.

CARVALHO, Mauro. A Construção Das Identidades No Espaço Escolar. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 20, ed. 1, p. 209-227, jan/jun 2012.

CAVALCANTE, Kellison Lima. A Construção Da Identidade Negra No Espaço Escolar: Percepções E Discussões. **Cadernos Cajuína**, São Paulo, v. 3, n. 3, ed. 25, p. 9-19, 22 nov. 2020.

CUNHA, Leo (Org.). **Poesia para Crianças: Conceitos, tendências e práticas**. 1. ed. Curitiba: Piá, 2012. 152 p.

CUTI, Luis da Silva. **Literatura Negro- Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010. 84 p. ISBN 978-85-87478-77-1. Disponível em: https://docero.com.br/doc/1n00-. Acesso em: 1 nov. 2020.

DA SILVA, Tomas Tadeu. A produção social da Identidade e da Diferença. *In*: HALL, Stuart *et al*. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. cap. 2, p. 73-102. ISBN 85-326-2413-8. Disponível em: http://diversidade.pr5.ufrj.br/images/banco/textos/SILVA_Identidade_e_Diferen%C3%A7a.pdf. Acesso em: 10 nov. 2020.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao- das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf.

EVARISTO, Conceição. Literatura Negra: Uma poética de nossa Brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, ed. 25, p. 17-31, 2009.
EVARISTO, Conceição. ***Poemas da recordação e outros movimentos***. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FERNANDES, Antonio Claret. **Suspeitas**. 1. ed. Belo Horizonte: Copyrigght, 2012. 112 p. ISBN 978-85-61871-29-1.

FERREIRA, Ricardo Frankllin; CAMARGO, Amilton Carlos. As Relações Cotidianas e a Construção da Identidade Negra. **Psicologia: Ciência E Profissão**, [*s. l.*], n. 2, ed. 31, p. 374-389, 2011. DOI https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000200013. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/pcp/v31n2/v31n2a13.pdf. Acesso em: 9 nov. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 76 p. ISBN 85-219-0243-3.

GAUDIO, Eduarda Souza. Resenha Do Livro “O Que É Racismo Estrutural?” De Silvio Almeida. **Revista Humanidades e Inovação**, [*S. l.*], v. 6, n. 4, p. 213-217, 22 nov. 2020.

GOMES, Isabel Cristina Souza *et al*. A Construção da Identidade Racial da Criança Negra no Contexto Escolar. **SEDUC MT**, Mato Grosso, p. 2, 22 nov. 2020. Disponível em: http://www2.seduc.mt.gov.br/-/a-construcao-da-identidade-racial-da-crianca-negra-no-contexto-escol-1. Acesso em: 1 nov. 2020.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores: Um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a12v29n1.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2018.

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-Raciais, Educação E Descolonização Dos Currículos. **Currículo sem Fronteiras**, [*s. l.*], v. 12, p. 98-109, 2012. Disponível em: www.curriculosemfronteiras.org. Acesso em: 13 nov. 2020.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. ISBN 85-7041-556-4.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. 244 p.

KRAMER, Sonia. AUTORIA E AUTORIZAÇÃO: QUESTÕES ÉTICAS NA PESQUISA COM CRIANÇAS. **Cadernos de Pesquisa**, [*s. l.*], ed. 116, p. 41-59, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/cp/n116/14398.pdf. Acesso em: 29 nov. 2020.

MACEDO, Rosiméia Rolim. **A Construção Da Identidade Negra Na Escola**. Curitiba: [*s. n.*], 2015. 36 p. Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/51364/R%20-%20E%20-%20ROSIMEIA%20ROLIM%20MACEDO.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 1 nov. 2020.

MACHADO, B. A. A literatura em movimento (negro): Conceição Evaristo e a intelectualidade negra carioca (1982-2006). In: XI Encontro Nacional de História Oral, 2012, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos. Rio de Janeiro: **Associação Brasileira de História Oral**, 2012. Disponível em: http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1340393199_ARQUIVO_TextocompletoENHO.pdf

MACHADO, Hilka Vier. A identidade e o contexto organizacional: perspectivas de análise. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, ed. 7º, p. 51-73, 2003. DOI http://dx.doi.org/10.1590/S1415-65552003000500004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552003000500004. Acesso em: 13 nov. 2020.

MATTOS, CLG., CASTRO, PA., org. **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Autores. 298 p. ISBN 978- 85-7879-190-2. Disponível em: https://www.passeidireto.com/arquivo/79051091/mattos-etnografia-e-educacao. Acesso em: 01 dez.2020

MEREZ, André. Éle Semog: uma pequena antologia de um grande poeta. *In*: MEREZ, André. **Poesia Avulsa**. Porto Alegre, 2020. Disponível em:

https://www.poesiaavulsa.com/2020/06/luiz-carlos-amaral-gomes-pseudonimo-ele.html. Acesso em: 1 nov. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001

MOLON, Susana Inês. Questões metodológicas de pesquisa na abordagem sócio-histórica. **Informática Na Educação: teoria & prática**, Porto Alegre, v. 11, ed. 1, p. 57-68, 2008.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos.** 3ª.ed. Belo Horizonte: Autentica, 2012. 96p. ISBN 978-85-7526-380-8.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil, Identidade nacional versus identidade negra**. 5º. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2019. 166 p. ISBN 978-85-513-0601-7.

OLIVEIRA, Míria Gomes de; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Educação Étnico-Racial e Formação Inicial de Professores: a recepção da Lei 10.639/03. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, ed. 01, p. 183-196, 2017. DOI http://dx.doi.org/10.1590/2175-623661123. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362017000100183. Acesso em: 1 nov. 2020.

PASSOS, Joana Célia. Discutindo as relações raciais na estrutura escolar e construindo uma pedagogia Multirracial e Popular. Separata de: NOGUEIRA, João Carlos. **Multiculturalismo e a Pedagogia Multirracial e Popular**. Florianópolis: Atilende, 2002. cap. 1, p. 19-44.

PEREIRA, Meiry Soares da Costa. História de Esperança: Abayomi. *In*: **Instituto Brasileiro de Formação de Educadores**. Campinas, 2017. Disponível em: https://ibfeduca.com.br/campinas/blog/historia-de-esperanca-abayomi. Acesso em: 29 nov. 2020.

RODRIGUES, Sara Viola. POESIA NEGRA BRASILEIRA – REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA E TRADUÇÃO CULTURAL. **Cadernos do Instituto de Letras**, Porto Alegre, ed. 43, p. 233-249, 22 nov. 2020. DOI https://doi.org/10.22456/2236-6385.25299. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/25299/15281. Acesso em: 13 nov. 2020.

SALES, Alcígledes de Jesus; PASSO, José Jovino Reis. EDUCAÇÃO UMA QUESTÃO DE COR: A TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DOS NEGROS NO BRASIL. **Brasil Escola**, [*S. l.*], p. 1-7, 22 nov. 2020. Disponível em: https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/educacao/educacao-questao-cor-trajetoria-educacional-dos-negros-brasil.htm. Acesso em: 1 nov. 2020.

SANTANA, Bianca. **Quando Me Descobri Negra**. 1. ed. São Paulo: SESI, 2015. 96 p. ISBN 978-85-8205-656-1.

SANTOS, A. O. ; OLIVEIRA, C. R. ; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de ; GIMENES, O. M.. **A história da Educação de Negros no Brasil e o Pensamento Educacional de Professores Negros no Século XIX**. In: XI Congresso Nacional de Educação/ EDUCERE, 2013, Curitiba. Educação, 2013.